Educação e Educação Física:

novos olhares

Cinthia Lopes da Silva
(Organizadora)

Ano 2023

Educação e Educação Física:

novos olhares

Cinthia Lopes da Silva
(Organizadora)

Ano 2023

MULTIDISCIPLINAR

Educação e educação física: novos olhares

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Cinthia Lopes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação e educação física: novos olhares / Organizadora Cinthia Lopes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-1552-7
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.527232107

1. Educação física. 2. Educação. I. Silva, Cinthia Lopes da (Organizadora). II. Título.

CDD 372.86

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O livro “Educação e Educação Física: novos olhares” é uma obra que tem como foco principal a discussão fundamentada nas Ciências Humanas como base teórica predominante nos capítulos.

Os capítulos do livro estão organizados da seguinte forma: capítulo 1) Infâncias e crianças como imagens cinematográficas: criações em movimento na estética do cinema. Esta pesquisa teve como objetivo compreender concepções e imagens de infâncias e crianças no cinema, e analisar os modos como a linguagem audiovisual as constroem; capítulo 2) Dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita. No texto, os autores procuram investigar na literatura especializada as dificuldades de aprendizagem relacionadas a leitura e escrita dos estudantes em fase de alfabetização, bem como o papel do professor ao lidar com este problema escolar; 3) Dois pesos e duas medidas: avaliação e educação física escolar. Discute-se a importância da avaliação nas aulas de Educação Física escolar; Capítulo 4) Cultura do ciclismo e Educação Física – possibilidades para a Educação Física escolar. O capítulo trata das experiências do curso de extensão Cultura do Ciclismo e Educação Física, realizado por um grupo de pesquisa de universidade pública brasileira; capítulo 5) Práticas corporais nos clubes sociais negros: das memórias aos saberes da população negra. O trabalho visa dialogar como os diferentes saberes e práticas corporais nos clubes sociais negros colaboraram com a construção de uma identidade positiva de homens e mulheres negras e o capítulo 6) A influência da ginástica laboral na qualidade de vida do trabalhador. No texto, os autores avaliam a influência da ginástica laboral na qualidade de vida do trabalhador.

Trata-se de uma obra que traz textos resultantes de estudos, pesquisas e reflexões de sujeitos de várias localidades do Brasil. Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres e doutores e todos aqueles que de alguma forma se interessam pelo estudo das áreas de Educação e Educação Física.

Assim, a obra apresenta produções científicas de professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus textos que aqui são apresentados de maneira concisa e didática. Todos os autores, sem exceções, propõem ideias inovadoras para melhorias no campo da Educação e Educação Física, almejando uma vida coletiva mais humana, digna, menos preconceituosa e de aprendizado efetivo na Educação Básica e na formação de professores. Assim, manifesto meus sinceros agradecimentos a todos que colaboraram para a produção deste livro.

Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura e o trabalho da Atena Editora no oferecimento

de uma plataforma consolidada e confiável para os autores exporem e divulguem seus estudos e investigações para o público em geral.

Curitiba, inverno de 2023.

Cinthia Lopes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

INFÂNCIAS E CRIANÇAS COMO IMAGENS CINEMATOGRÁFICAS: CRIAÇÕES EM MOVIMENTO NA ESTÉTICA DO CINEMA

Data de submissão: 15/05/2023 *Data de aceite: 04/07/2023*

Isabela Acedo Taffuri
Universidade Metodista de Piracicaba
Piracicaba – São Paulo
http://lattes.cnpq.br/8325230201068765

Claudia da Silva Santana
Universidade Metodista de Piracicaba
Piracicaba – São Paulo
http://lattes.cnpq.br/4942370919275284

O presente texto foi apresentado no *III Seminário Internacional Infâncias e Pós-colonialismos: pesquisas em busca de Pedagogias descolonizadoras*, realizado pela Faculdade de Educação da Unicamp em junho de 2022, com publicação aprovada em anais do evento sob o título “Imagens de infâncias e crianças no cinema”.

RESUMO: Este artigo discute a pesquisa realizada no âmbito de um projeto de iniciação científica, desenvolvido na Universidade Metodista de Piracicaba, com o financiamento de bolsa PIBIC do CNPq, cujo foco dirigiu-se à investigação das relações entre infância, criança e cinema, presentes em duas produções cinematográficas selecionadas sobre o universo da criança e da cultura da infância. Buscou-se entender como a infância e as práticas culturais da criança foram retratadas nessas produções, e como revelam as relações estabelecidas com as concepções que circulam na sociedade. Por um prisma, vimos que o cinema se estabelece como sistema cultural na produção de múltiplos discursos e representações sociais. Noutro prisma, observamos que as técnicas cinematográficas estabelecem afinidades com a brincadeira infantil na perspectiva de narrativas baseadas no conceito de montagem. O objetivo principal foi compreender concepções e imagens de infâncias e crianças no cinema, e analisar os modos como a linguagem audiovisual as constroem. Em relação à metodologia, a opção foi o estudo descritivo e analítico, com pesquisa bibliográfica e fílmica, em diálogo com estudos fundamentados em Walter Benjamin e Sergei Eisenstein, dentre

outros.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Infância; Cinema; Linguagem; Cultura Infantil.

CHILDHOODS AND CHILDREN AS CINEMATOGRAPHIC IMAGES: CREATIONS IN MOTION IN THE AESTHETICS OF CINEMA

ABSTRACT: This article discusses the research carried out within the scope of a scientific initiation project, developed at the Methodist University of Piracicaba, with funding from a CNPq PIBIC grant. The purpose of the project was to investigate the relations between childhood, infancy, and cinema in two filmic productions about the universe of infancy and the culture of childhood. We sought to understand how infancy and cultural practices of children were portrayed in these productions, and how the films reveal relationships established with conceptions of childhood in society. From one perspective, we saw that cinema is established as a cultural system in the production of multiple discourses and social representations. From another perspective, we observe that cinema narratives based on montage techniques show affinities with children's play. The main objective was to understand conceptions and images of children and childhood in cinema, and to analyze the ways in which they are constructed in audiovisual language. Our methodology was aimed at producing a descriptive and analytical study, involving bibliographical and filmic research, in dialogue with studies on Walter Benjamin and Sergei Eisenstein, among others.

KEYWORDS: Narrative; Childhood; Cinema; Language; Children's Culture

1 | INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada teve como objetivo compreender concepções e imagens de infâncias e crianças no cinema, e analisar os modos como a linguagem audiovisual as constroem. Os curtas-metragens escolhidos foram "Hoje o Noel não vem" (2021), obra escrita e dirigida por Laura Diehl, na qual a pesquisadora graduada em cinema participou diretamente na produção e acompanhou seu processo de criação desde o início. O segundo curta intitulado "Baile" (2021), escrito, dirigido e montado por Cíntia Domit Bittar, foi indicado como melhor curta-metragem em 2020 pela Academia Brasileira de Cinema, e também qualificada pelo Oscar de 2021 como melhor curta-metragem *live-action*.

Produzidos e lançados no ano de 2021, as obras selecionadas carregam críticas perante a situação contemporânea do Brasil, seja expondo a perversidade da sociedade de consumo travestida na "magia do natal", inacessível para a grande maioria das crianças brasileiras, seja questionando as estruturas sociais que cerceiam a formação das meninas em mulheres protagonistas na sociedade e no mundo do trabalho.

Considerando as dimensões infâncias, linguagem e educação, as principais referências teóricas foram o filósofo Walter Benjamin e o cineasta Sergei Eisenstein. O estudo procurou articular a teoria da montagem cinematográfica com o brincar da criança. Ambos vistos como procedimentos que lidam com fragmentos de sentidos e que podem fazer irromper novos significados por meio da junção de elementos díspares, seja na

brincadeira infantil ou na montagem cinematográfica.

O objetivo principal da pesquisa mirou uma análise das imagens das crianças e das infâncias mostradas nas obras, compreendendo-as dentro de uma narrativa que muitas vezes é contada como uma forma de expressão enterrada no peito daqueles, cujas vozes têm sido negadas na sociedade, a propósito da criança filha da classe trabalhadora. Procurou-se entender de que forma foram contadas tais histórias, e como suas respectivas montagens poderiam ser associadas ao universo lúdico da criança, através de seu olhar único e criador.

A metodologia realizou-se por meio de um estudo descritivo e analítico, com pesquisa bibliográfica e fílmica, em diálogo com escritos de Walter Benjamin e de Sergei Eisenstein, além de autores pesquisadores das temáticas infância e cinema.

2 I PERCURSO METODOLÓGICO

A primeira fase da pesquisa demandou a seleção e leitura dos textos de Walter Benjamin mais diretamente relacionados à infância, tais como a série de escritos que compõe as coletâneas: *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação* (BENJAMIN, 2002); *Obras escolhidas II: rua de mão única* (BENJAMIN, 1993). Ainda nesta fase, foi feita a seleção de artigos, teses e dissertações, nas bases de dados científicos Scielo, Portal de Periódicos Capes, Google Acadêmico e Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses - BDTD, visando a revisão da literatura concernente, que se articulasse com o propósito da pesquisa, utilizando-se os descritores: *crianças*, *infância*, *linguagem audiovisual*, *cultura* e *educação* e na sequência: *cinema*, *cultura* e *montagem*.

Após essa busca nas bases científicas, a escolha das obras fílmicas ocorreu com o olhar voltado para o cinema independente, produzido e idealizado por mulheres, que pudesse também agregar esta visão às imagens das infâncias e seus universos. Os dois curtas selecionados têm como protagonistas crianças de classe econômica baixa e moradoras das periferias das cidades retratadas, que se deparam com carências e dificuldades econômico-financeiras diante da desigualdade social do nosso país.

A metodologia desenvolvida considerou o estudo dos textos e das imagens a partir dos seguintes níveis de análise e compreensão:

> 1º nível: estudo do texto – cada fragmento, um texto. Leituras permitiram compreender o texto narrado; identificar e registrar evidências relacionadas às dimensões, infância, linguagem audiovisual e educação.
>
> 2º nível: estudo do contexto –. Os excertos das obras cinematográficas selecionadas foram igualmente analisados em seu conjunto a partir das dimensões escolhidas.
>
> 3º nível: estudo do contexto da obra cinematográfica, possibilitado pela leitura dos autores selecionados, estudiosos da infância e do cinema.
>
> 4º nível: retorno ao estudo e análise do texto.

A propósito da Revisão da Literatura – breve sobrevoo

A revisão da literatura conduziu o olhar para a experiência estética proporcionada pelo cinema. Experiência calcada na relação do ser humano com o mundo que ao dirigir-se a uma visão original, é capaz de produzir transformação e emancipação. [...] “Por meio dela, exercita-se uma postura de jogo com os objetos do mundo (e não uma postura de uso) que, em contrapartida, ativa a criatividade e a imaginação, podendo, assim, apreender, dos objetos, sentidos e combinações inéditos” (OMELCZUK F; FREQUET A; SANTI, 2015, p. 389). A capacidade criativa e criadora do ser humano leva a uma infinidade de possibilidades de olhar e produzir sentidos com as coisas do mundo. Nessa perspectiva, o cinema é potente por lidar com oportunidades de construção do olhar e da experiência estética.

Pires e Silva (2014) analisam a transição de uma discursividade verbal para uma discursividade visual, ainda em construção. Para os autores, assim como os textos, as imagens também teriam a função de representar o mundo, descrever e significar:

> [...] “O cinema, como artefato cultural que é, pode e deve ser explorado como forma de discurso que contribui para a construção de significados sociais. A junção das técnicas de filmagem e montagem com elenco e o processo de produção resultam num conjunto de significações que precisam ser partilhadas por quem o acessa, para que as imagens irradiadas possam produzir sentidos que, muitas vezes, tornam-se determinantes para suas vidas” (PIRES; SILVA, 2014, p. 608).

Transcendendo a condição de entretenimento, os autores chamam a atenção ao que denominam caráter atributivo do cinema destacando sua capacidade de construir símbolos que visam à significação da realidade experimentada: [...] O gênero cinematográfico instrumentaliza a reprodução dos comportamentos culturais dentro de um conjunto de valores socioculturais e linguísticos, atuando como um artefato cultural de ordem simbólica que contribui para a consolidação do imaginário contemporâneo” (PIRES; SILVA, 2014, p. 609). Ao reproduzir cenas do cotidiano, o cinema intensifica a perspectiva de identificação dos sujeitos, gerando aproximação entre realidade e ficção.

Aproximando-nos da relação infância e cinema, encontramos dois experimentos de análise fílmica que envolvem personagens crianças. Berti (2016) destaca a novidade e atualidade de cada experiência de infâncias. A autora analisa duas obras cinematográficas em suas aproximações entre infâncias “O Que Eu Mais Desejo” (2011), do diretor japonês Hirokazu Kore- -Eda, e no cinema latino-americano, no filme “Cien Niños Esperando un Tren” (1987), do diretor chileno Ignacio Agüero. Sua análise toma como base a ideia de infância como categoria plural, que abarca múltiplas infâncias que não se restringem ao espaço e tempo e não se limitam às cronologias. Alteridade e diferença aparecem como conceitos centrais nessa mirada, em vista do reconhecimento da potência do “outro”; infância e cinema como alteridade e espaço de criação.

No registro da ideia de criança singular, criança - acontecimento, cinematograficamente atravessada pela força desestabilizadora da figura do pária, Marcello (2009), analisa os filmes “O garoto”, de Charles Chaplin (1921), e “O menino selvagem”, de François Truffaut (1970). Esquivando-se do foco sobre a imagem de criança modelo sociológico, pedagógico ou psicológico, a análise se propõe a abarcar o encontro desses meninos e as singularidades produzidas na estética cinematográfica. A criança na condição de imagem cinematográfica seria o que constitui os conceitos, nas palavras da autora: “os filmes servem-nos de base para algo que, de imediato, é insubordinável à identificação e à apreensão derradeira” (MARCELLO, 2009, p. 626).

Sem determinações, prescrições ou anúncios do vir a ser, a imagem da criança no cinema não se prestaria às tentativas de captura e aprisionamento.

Neste breve sobrevoo na revisão de literatura realizada, apresentamos uma pequena amostra de artigos que se articulam diretamente a alguns dos eixos/dimensões do estudo focando a linguagem cinematográfica e o elemento que lhe é peculiar, a montagem. E, ainda, as formas como infâncias e crianças aparecem nessas imagens.

A propósito do Referencial Teórico – Benjamin e Eisenstein

Walter Benjamin (1892-1940), natural de Berlim, na Alemanha, filósofo, pensador crítico da cultura, estudioso da estética, do cinema e da fotografia, é a principal referência teórica desta pesquisa, ao lado de Sergei Eisenstein (1898 – 1948), natural de Riga, na Letônia, cineasta e filmólogo, relacionado ao movimento de arte de vanguarda russa e considerado o pai da montagem cinematográfica.

Ambos os autores dirigiram suas atenções para o cinema em seus escritos e obras. Para os propósitos desta pesquisa, optamos por buscar em Benjamin os textos que tematizam mais enfaticamente a infância, como a coletânea “A criança, o brinquedo, a educação” (1984), com destaque para “História cultural do brinquedo”; “Brinquedos e jogos”; “Rua de mão única - extratos”; “Uma pedagogia comunista” e “Uma pedagogia colonial”. Também o estudo dos textos “Obras escolhidas II – Rua de mão única” compôs a base teórica relacionada à infância. No que tange aos escritos benjaminianos sobre o cinema, a leitura de “Magia e técnica, arte e política” (1987), no ensaio “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”, auxiliou a análise fílmica dos curtas metragens.

Duas obras bibliográficas de Eisenstein foram escolhidas por tratarem diretamente do conceito de montagem: “A forma do filme” (1990a) e “O sentido do filme” (1990b). O estudo sobre como a forma do filme altera o seu sentido traz um alinhamento com o pensamento de Benjamin sobre o brincar da criança. Eisenstein afirma que:

> O músico usa uma escala de sons; o pintor, uma escala de tons; o escritor, uma lista de sons e palavras – e estes são todos tirados, em grau semelhante, da natureza. Mas o imutável fragmento da realidade factual, nesses casos, é

> mais estreito e mais neutro no significado e, em consequência, mais flexível à combinação. De modo que, quando colocados juntos, os fragmentos perdem todos os sinais visíveis da combinação, aparecendo com uma unidade orgânica (EISENSTEIN, 1990a, p. 16).

Embora o sentido se altere, de acordo com o que o diretor busca contar por meio da montagem, a narrativa acaba se tornando algo orgânico para o público, sendo implementada à realidade de maneira natural. Quando articulada ao pensamento de Benjamin, sobre o brincar da criança, a montagem consegue ter esse poder de transmitir a acuidade do olhar infantil, tal como a brincadeira da criança, onde coisas distantes se aproximam e relações inesperadas se realizam.

A criança do ensaio "Canteiro de obra", em Rua de Mão Única, de Benjamin (2002), revela essa capacidade criadora de novos sentidos com aquilo que é rejeitado no mundo adulto:

> É que as crianças... sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nestes produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente (BENJAMIN, 2002, p. 104).

O brincar se mostra como a expressão da livre experiência da criança com a sua imaginação. Ela se transporta a lugares inimagináveis pela mente adulta, de forma a expandir o mundo, sem estar à mercê das regras que lhes são impostas. Tanto na brincadeira da criança quanto no cinema, a montagem se constitui em procedimento que produz associações inesperadas e justaposições lúdicas, como veremos a seguir nas descrições e análises dos dois curtas-metragens.

3 | MONTAGEM TÉCNICA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Sobre o primeiro curta metragem – Hoje o Noel não vem

O curta-metragem "Hoje o Noel não vem" de Laura Diehl[1] traz a perspectiva do menino Martín, que busca as luzes de natal que tanto sonha. A sociedade de consumo dissemina a ideia de que o natal tem toda uma magia, e mascara a realidade de uma sociedade profundamente desigual, na qual grande parte das crianças não tem acesso aos bens de consumo tão propalados nessa época do ano. Em diversas cenas, o curta nos leva a um ponto de vista de almejo da tal magia, acompanhando e torcendo pelo protagonista que transmite inocência em seu olhar para o mundo.

1 Laura Diehl. Diretora, roteirista, diretora de arte, figurinista. Integrante da produtora audiovisual independente de Piracicaba: Pitaco Filmes.

O natal, além de ser uma data cercada por instintos consumistas, é uma celebração trazida em seu formato pela cultura ocidental, sobretudo europeia e estadunidense. Toda a questão da magia natalina, o pinheiro e até mesmo a imagem de Papai Noel, aparecem como reflexos de uma cultura que oculta outras, desde a imposição de rituais religiosos até mesmo de suas festividades. A imagem de um homem idoso, branco, barbudo, que traz presentes, reforça o símbolo do "bom velhinho". Uma personificação altamente reforçada pela mídia, principalmente a mídia publicitária. Entretanto, o personagem Martín busca algo simples, algo que sempre foi mostrado a ele em sua infância: a magia.

A imagem do adulto, mostrada no filme, representa de certa forma o Noel, mas também desconstruindo essa imagem elaborada e disseminada, pode esse ser apenas uma pessoa comum, se desfazendo de suas coisas na rua, como veremos adiante. Para o menino Martín, que tem a imagem colonizadora de um senhor que lhe dá presentes, naquele momento ele presenciou o "bom velhinho".

Dentro dessa produção encontramos diversos desafios sobre como passar a inocência do menino, e de como explicar sua simplicidade ao buscar a aura natalina. Martín não sonha com os brinquedos mais caros, ou com a figura do papai Noel lhe trazendo um presente extravagante, ele quer apenas um pisca-pisca. O significado desse item que para muitos é tão banal, para ele é o que transforma o natal em magia e luz. Na cena inicial, podemos ver o menino admirando as luzes que estão tão longe de seu alcance como um sonho, que ele apenas pode assistir.
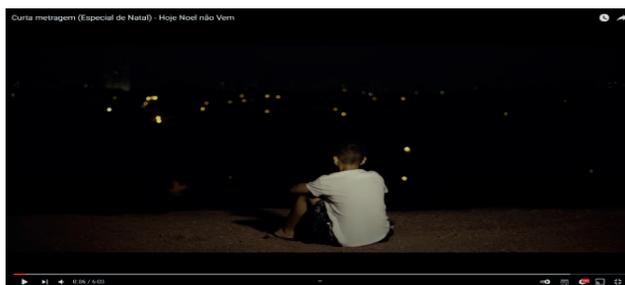
Figura 1: Hoje Noel não vem 2021

Fonte: < https://www.youtube.com/watch?v=IhaRmS0knlE&t=1s>
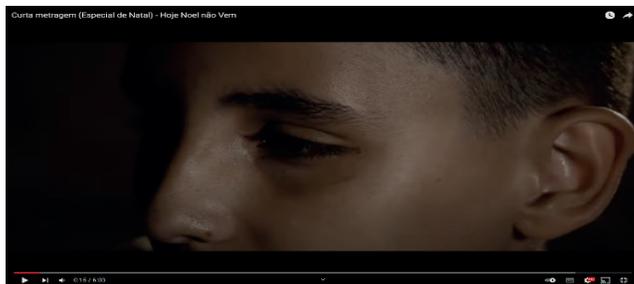
Figura 2: Hoje Noel não vem 2021

Fonte: < https://www.youtube.com/watch?v=lhaRmS0knlE&t=1s>

A montagem trabalha de forma cautelosa, com o cuidado de mostrar como as luzes representam seu olhar e o reflexo de um sonho. A cena inicial traz um imenso significado ao curta, com a contemplação que Martín tem pelas luzes, e como seu olhar está distante da magia. A forma como a cena está montada traz a sutileza do olhar de um menino tímido, que não se sente confortável em pedir ajuda; a montagem leva a intuir o surgimento de uma ideia. Quando a cena se inicia em um plano aberto de sua figura contemplando as luzes e corta para seu olhar, podemos entender a distância que Martín sente estar de seu sonho, mas quando seu amigo o avisa de que sua mãe o está chamando, vemos um outro plano onde luzes são deixadas em segundo plano na imagem.

Figura 3: Hoje Noel não vem 2021

Fonte: < https://www.youtube.com/watch?v=lhaRmS0knlE&t=1s>

As luzes estão longe, mas estão presentes no plano, diferente do momento em que temos apenas seu olhar em tela (figura 2). Nesta troca de planos, podemos sentir que Martín reflete em como trazer a aproximação dessas luzes para si. A montagem faz isso de forma sutil, quase imperceptível. Eisenstein (1990b) pontua a relevância de se observar os detalhes na montagem cinematográfica:

> [...] a questão de que os profissionais da arte cinematográfica devem não apenas estudar o estilo dramático e a mestria do ator, mas devem dar igual

> atenção ao domínio de todas as sutilezas da criação da montagem em todas suas aplicações (EISENSTEIN, 1990b, p. 44).

Prosseguindo com a descrição das cenas e imagens, vemos que Martin pretende trocar uma blusa da seleção brasileira por algumas moedas, o suficiente para conseguir suas luzes. Essa troca traz um significado forte, como se o menino trocasse o Brasil por algo melhor, algo que lhe trará a magia que o país não conseguiu proporcionar. Ele traz o brincar e a livre imaginação como ponto principal de sua aquisição do pisca-pisca. A criança nascida na classe trabalhadora desde cedo participa do mundo dos adultos, como fala Benjamin (2002), a semente da consciência de classe é plantada desde cedo.

A cena que antecede a última mostra Martin voltando com seu pisca-pisca, ocasião em que para em frente a uma casa, onde o morador parece estar se desfazendo de algumas coisas. Assim como o pisca-pisca, os objetos natalinos que são jogados fora chamam a atenção do personagem, e como lembra a leitura de Benjamin (2002), não deixa de ser uma atração aos detritos do "canteiro de obras". A oportunidade de voltar a brincar com seus objetos. O personagem sente vontade de se lançar à deriva da imaginação com aqueles restos natalinos, mas é interrompido pela presença de um adulto que lhe dá uma árvore de natal usada.

Figura 4: Hoje Noel não vem 2021

Fonte: < https://www.youtube.com/watch?v=IhaRmS0knlE&t=1s>

Esse encontro surpreendente ao mesmo tempo que parece validar o desejo do menino pela "magia do natal", idealizada nesta imagem como retorno à pureza de sentimentos, que cultiva a humildade e os valores de solidariedade e comunhão, ao invés da extravagância consumista moderna nessa época do ano, mostra também como são socialmente reforçadas as relações do adulto com a criança que lhe oferece o brinquedo ou o objeto que seria o suporte da brincadeira infantil.

> [...] O gênero cinematográfico instrumentaliza a reprodução dos comportamentos culturais dentro de um conjunto de valores socioculturais e linguísticos atuando como um artefato cultural de ordem simbólica que contribui para a consolidação do imaginário contemporâneo (PIRES; SILVA, 2014, p. 609).

Nessa direção, é possível compreender, numa vertente, a maneira como o cinema se estabelece como sistema cultural na produção de múltiplos discursos e representações sociais, entretanto, a criança como imagem cinematográfica parece refletir um espelhamento de natureza diversa, criadora de seus próprios conceitos, não se deixando apreender ou aprisionar, como lembra Marcello (2009). Como alteridade e espaço de criação, o cinema está para além da representação.

Sobre o segundo curta-metragem – O Baile

O curta-metragem "Baile"(2021), de Cíntia Domit Bittar[2], traz Andréa como protagonista. A menina tem como inspiração o trabalho de fotógrafa de sua mãe, cujo salário sustenta a família composta pela menina e sua avó. A câmera fotográfica é seu brinquedo idealizado, mesmo não sendo de sua posse, pois a mãe não a deixa manipular o equipamento sozinha. Por conta de a protagonista já ser consciente do valor social do objeto (a câmera), o curta é gravado em sua maior parte na vertical, buscando apresentar a ótica *infantil*, imitando a posição da câmera em fotografias três por quatro. A ótica da protagonista é mostrada na montagem de maneira única e peculiar, já que a maior parte traz imagens na posição vertical. Pela razão de todos os dias Andréa observar a mãe usando a câmera vertical, o seu brinquedo se torna sua visão de mundo, alcançando o imaginário de tal ótica.

Andréa ajuda sua mãe recortando as fotos, apresentando desde a meninice a consciência de sua relação com o trabalho. No ensaio benjaminiano "Uma pedagogia comunista" (2002), encontra-se a ideia da consciência da criança de pertencimento à classe proletária desde muito cedo. É isso que parece acontecer com a protagonista Andrea, ao mesmo tempo em que sua visão é apresentada como o ponto de vista de uma câmera fotografando retratos, ainda assim está presente a consciência de classe na sua forma de agir e pensar. A menina já inserida no seio da prole percebe o mundo dos adultos sendo os objetos suportes do seu brincar "mediados" por eles. [...] "A criança proletária nasce dentro de sua classe. Mais exatamente, dentro da prole de sua classe, e não no seio da família. Desde o início ela é um elemento dessa prole" [...] (BENJAMIN, 2002, p. 121)

Podemos observar uma mudança súbita desse modo de captação da imagem em um determinado momento do curta-metragem, que irá transformar a visão do espectador pelo enquadramento da cena.

Quando Andréa visita a Assembleia Legislativa de Santa Cataria (Alesc), a professora apresenta a galeria lilás, onde constam as fotografias de todas as deputadas federais mulheres do estado de Santa Catarina, totalizando apenas doze retratos. Uma das coleguinhas de Andréa, Bia, questiona a professora do porquê na outra sala exibirem mais retratos (apenas de homens); o fato é que a sala que a garota se referia é a galeria dos

2 **Cíntia Domit Bittar**. Diretora, roteirista, montadora e sócia da Novelo Filmes, produtora de Santa Catarina liderada por mulheres.

ex-presidentes, e, diferente da galeria lilás, os retratos eram pinturas e não fotografias. Na cena seguinte, vemos Andréa na galeria dos ex-presidentes, momento em que ela pega uma foto sua, três por quatro, e com um chiclete a cola ao lado de uma pintura de ex-presidente.
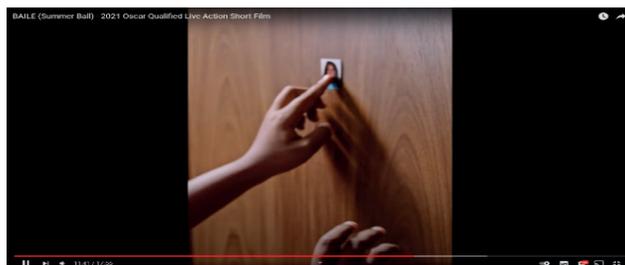
Figura 6: Baile (2021)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=PO_iwPpkL0Q

Andréa já coleciona fotos que sua mãe tira, e tem o hábito de colá-los na parede do seu quarto, como uma galeria pessoal. De certa forma, é o seu brincar ao colocar as fotos em posição de galeria e as colecionar; ela dá liberdade à sua imaginação de como aquelas pessoas são e o que representam, pois as fotos são de pessoas diversas, ao contrário da galeria dos ex-presidentes em que há somente pinturas de homens brancos. Neste momento, temos uma súbita mudança na montagem do filme, pois, após a fixação da pequena foto ao lado de grandiosas pinturas, um homem tropeça, e o plano é mostrado pela primeira vez na horizontal, como estamos habituados enquanto espectadores.

Figura 7: Baile (2021)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=PO_iwPpkL0Q

Como espectadores, conseguimos observar como Andréa ficou pequena quando o plano foi apresentado na horizontal. A perspectiva da *criança*, de talvez ser pega

e repreendida por algum adulto por sua brincadeira, a faz ficar atenta, e somos, como espectadores, colocados em um ponto de vista que condiz com o de um adulto, ou seja, voltamos a ver o filme na horizontal, como estamos acostumados e da maneira com que nos foi ensinada que é a certa. Assim como uma *criança*, o espectador se sente pequeno, e acaba se assustando com a mudança rápida na montagem.

Dentro da *mise-em-scène*, temos um plano poderoso, podemos ver Andréa, uma criança, menina e negra, com sua pequena foto ali, junto das pinturas grandes de homens poderosos. Conseguimos, mesmo pequena, ver o poder de Andréa colocando uma fotografia considerada como uma reprodutibilidade técnica se destacando perante tantas pinturas consideradas como arte. Andréa, naquele momento, mesmo sendo breve em sua brincadeira infantil, foi a primeira mulher na galeria de ex-presidentes da Assembleia. Por meio de sua capacidade de criar e reinventar, ela transgride a fixidez da imagem imposta a ela e se torna alguém cuja fotografia pode ser afixada na galeria de personalidades importantes.

O elemento da fotografia como uma representação de oposição à pintura; ela está ali. Pois para a Andréa, a fotografia tem um significado além, é o registro de seu respiro, de seu lugar no mundo. Por conta disso, Eisenstein acreditava na força que a forma do filme tem para o sentido que ele quer causar, trazendo a capacidade de sintaxe dedutiva dos fatos. Esse tipo de montagem nos leva para diversas interpretações, mas que nos gera de alguma forma um impacto independente do que nos é apresentado como conteúdo.

CONCLUSÃO

A pesquisa desenvolvida procurou compreender concepções de infâncias e crianças no cinema, propondo-se a analisar filmes e textos que tomam as infâncias como lugares de origem e criação, cuja ênfase recai sobre a centralidade da relação com o mundo das coisas, sobretudo na brincadeira, enquanto modo de elaborar e produzir sentidos à experiência. Nessa perspectiva, direcionou o foco para o brincar da criança e para a montagem cinematográfica. Ambos considerados como procedimentos, conforme mencionado anteriormente, que lidam com fragmentos de sentidos e que podem fazer irromper novos significados por meio da junção de elementos díspares, seja na brincadeira infantil ou na montagem cinematográfica.

As análises dos filmes curtas-metragens nacionais, dirigidos por mulheres cineastas, trouxeram para o debate o cinema como alteridade e espaço de criação, cujos sentidos se impõem para além da representação. Nessa linha, nos leva a entender que a imagem cinematográfica das infâncias e crianças são de natureza diversa, interrompendo as lógicas que pretendem aprisioná-la num tempo e espaço etário, posto que se tratam de imagens cinematográficas criadoras de seus próprios conceitos em movimento.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Reflexões:** a criança, o brinquedo, a educação. Trad. Marcus V. Mazzari. São Paulo: Editora Duas Cidades e Editora 34, 2002.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I:** magia, técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas II:** rua de mão única. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1993.

EISENSTEIN, S. **A forma do filme**. Trad. Teresa Ottoni. Rio de Janeiro, Zahar, 1990a.

EISENSTEIN, S. **O sentido do filme**. Trad. Teresa Ottoni, Rio de Janeiro, Zahar, 1990b.

OMELCZUK, F. FRESQUET, SANTI, A. M.. **Educação, cinema e infância**: um olhar sobre práticas de cinema em hospital universitário. Interface (Botucatu) [online]. 2015, vol.19, n.53, pp. 387-394. Epub 27-Fev-2015. ISSN 1807-5762. http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0155 Disponível em: https://interface.org.br/en/ja-no-scielo-educacao-cinema-e-infancia-um-olhar- sobre-praticas-de-cinema-em-hospital-universitario. Acesso em 10 de nov. 2021.

PIRES, M. C. F. DA SILVA. L. P. S. **O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo**. Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 127, p. 607-616, abr.-jun. 2014. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br/. Acesso em 20 de nov. 2021.

BERTI. A **O.Cinema e educação**: aproximação entre infâncias. Comunicações, Piracicaba, n. 1, p. 215-224, DOI: http://dx.doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v23n1p215-224. jan.-abr. 2016. Disponível em: http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/1836-comunicacoes/v23n01/19085-cinema-e-educacao-aproximacao-entre-infancias.html. Acesso em 10 de dez. 2021.

MARCELLO. F. A. **Sobre crianças e encontros:** singularidade em jogo na estética cinematográfica. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 107, p. 611-630, maio/ago. 2009. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br/. Acesso em 05 de fev. 2022.

FILMOGRAFIA

BAILE. Direção, roteiro e montagem: Cíntia Domit Bittar. Produção: Novelo filmes. Intérpretes: Emily de Jesus, Patricia Saravy, Adélia Domingues Garcia e outros. Santa Catarina: YouTube 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PO_iwPpkL0Q> (17:55 minutos)

HOJE Noel não vem. Direção e roteiro: Laura Diehl. Produção: Pitaco Filmes. Montagem: Murilo Bonini. Intérpretes: Vitor Esteves, Cadu Barreiros e Joel Souza. São Paulo: YouTube 2021. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=IhaRmS0knlE&t=32s> (6:03 minutos)

CAPÍTULO 2

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA

Data de submissão: 18/05/2023 *Data de aceite: 04/07/2023*

Camila Rodrigues Stefanes
Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)
Lages, Santa Catarina

Daniela Martins de Souza
Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)
Lages, Santa Catarina

Maria Eduarda Martini Lima
Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)
Lages, Santa Catarina

Cinthia Lopes da Silva
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba, Paraná
http://lattes.cnpq.br/5208944598940957

Regimari Cristina Rodolfi Beppler
Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)
Lages, Santa Catarina
http://lattes.cnpq.br/2000287282186231

Luiz Adroaldo Dutra Rodrigues
Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)
Lages, Santa Catarina
http://lattes.cnpq.br/9300799654681689

Lilia Aparecida Kanan
Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)
Lages, Santa Catarina
http://lattes.cnpq.br/4901211328782556

RESUMO: O interesse em discutir o tema das dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita decorre da necessidade de verificação do que se tem produzido academicamente sobre este problema escolar, de modo a evitar a evasão de estudantes em virtude do seu fracasso educacional. O presente artigo tem como objetivo investigar na literatura especializada as dificuldades de aprendizagem relacionadas a leitura e escrita dos estudantes em fase de alfabetização, bem como o papel do professor ao lidar com este problema escolar. Como procedimentos metodológicos foi realizada revisão de literatura. Os estudos mostram que as dificuldades de aprendizagem estão ligadas a diversos fatores, que se manifestam de forma diferenciada em cada estudante. As dificuldades de aprendizagem podem estar relacionadas aos aspectos orgânicos, cognitivos, emocionais, familiares, sociais,

pedagógicos, material didático inadequado, falta de estímulos educativos específicos, baixa autoestima, problemas patológicos, entre outros. No que se refere ao papel do professor perante a experiência em sala de aula e no convívio com os estudantes, percebe-se que é possível construir possibilidades para ensinar, que busquem atender às necessidades individuais de cada estudante. O professor, como agente transformador da sociedade deve estar atento às dificuldades que se apresentam durante o processo educativo e planeje suas aulas com uma linguagem adequada a cada situação, com metodologias que favoreçam a assimilação dos conteúdos e promovam a participação e inclusão de todos.
PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem, Leitura, Escrita, Cultura.

READING AND WRITING LEARNING DIFFICULTIES

ABSTRACT: The interest in discussing the issue of learning difficulties in reading and writing stems from the need to verify what has been produced academically about this school problem, in order to avoid student dropout due to their educational failure. This article aims to investigate in the specialized literature the learning difficulties related to reading and writing of students in the literacy phase, as well as the role of the teacher in dealing with this school problem. As methodological procedures, a literature review was carried out. Studies show that learning difficulties are subject to several factors, which manifest themselves differently in each student. Learning difficulties may be related to organic, cognitive, emotional, family, social, pedagogical aspects, poor teaching material, lack of specific educational stimuli, low self-esteem, pathological problems, among others. With regard to the teacher's role in the classroom experience and interaction with students, it is clear that it is possible to build teaching possibilities that seek to meet the individual needs of each student. The teacher, as a transforming agent of society, must be aware of the difficulties that arise during the educational process and plan his classes with appropriate language for each situation, with methodologies that favour the assimilation of contents and promote the participation and inclusion of all.
KEYWORDS: Leaning, Reading, Writing, Culture.

INTRODUÇÃO

Atualmente, no Brasil, presenciam-se vários problemas na Educação, entre eles o abandono escolar é um dos mais preocupantes. Mas o abandono escolar não ocorre de um dia para o outro, está relacionado, entre outros fatores, a infrequência dos estudantes, que em muitos casos, é resultante das dificuldades de aprendizagem. Estudantes, que passam vários anos na escola e não são alfabetizados, inevitavelente abandonam a escola.

As queixas mais frequentes dos professores é quanto à falta de concentração dos estudantes, desinteresse pelos estudos, violência, indisciplina entre outros. São fatores como esse que corroboram com os problemas de aprendizagem.

O presente artigo tem como objetivo investigar as dificuldades de leitura, escrita e aprendizagem dos estudantes em fase de alfabetização e o papel do professor ao lidar com este problema escolar.

Os estudantes ao aprenderem a ler e escrever, precisam se concentrar-se no fato de que a linguagem falada consiste de palavras e sentenças separadas. Quando observados os índices de reprovação, evasão, ou o fracasso dos estudantes em momentos de avaliação, nota-se que é uma situação possível de ser resolvida, mediante ações efetivas no âmbito escolar. Os estudantes com dificuldades não devem ser tratados como fracassados, mas conduzidos a superar suas dificuldades por meio de estratégias eficazes. Nos resultados das pesquisas referentes aos fatores geradores dos problemas de aprendizagem, encontram-se os de ordem biológica, psicológica, pedagógica e social, portanto, estudar esse tema é complexo e exige um trabalho minucioso ao ser tratado.

Quando Dockrell e McShane (1997) analisam as dificuldades de aprendizagem, preocupam-se com os aspectos psicopedagógicos e recorrem aos estudos dos fatores de ordem cognitiva, demonstrando que a memória é fator indispensável a tais aprendizagens.

De outro modo, na literatura encontram-se trabalhos que procuram verificar as relações entre desenvolvimento cognitivo e desempenho na leitura, na escrita e na matemática. A definição de dificuldade de aprendizagem é uma das mais difíceis para aqueles que trabalham diretamente com educação, pois engloba fatores cognitivos do estudante, bem como o seu desenvolvimento e também aspectos comportamentais. Segundo a definição de Ciasca (2003, apud Leite,2012):

> As dificuldades de aprendizagem correspondem a uma categoria ampla de fenômenos que podem influenciar negativamente o aprendizado. Abrangem os problemas de aprendizagem e os problemas escolares, isto é, o modo como a escola lida com o processo de ensino-aprendizagem. Enquanto os problemas de aprendizagem concentram o peso da dificuldade no aluno, as dificuldades de aprendizagem incluem os fatores externos ao aluno. No caso da escola, são os problemas de origem pedagógica.(CIASCA, 2003, p. 31 apud LEITE, 2012, p. 16).

Nesse contexto, é possível observar que as dificuldades de aprendizagem podem se intensificar devido à falta de informação da escola, pois necessitam de conhecimentos específicos para minimizá-las.

A alfabetização é um processo de construção de hipóteses sobre o funcionamento e as regras de geração do sistema alfabético de escrita. É um conteúdo complexo que demanda procedimentos de análise também complexos por parte de quem aprende. Assim, Smith (1989, p. 236) afirma:

> Existe somente um modo de resumir tudo o que uma criança deve aprender a fim de se tornar um leitor fluente, e isto é dizer que a criança deve aprender a utilizar a informação não-visual, ou o conhecimento anterior, de modo eficiente, quando atentado para a linguagem escrita. E uma compreensão das finalidades e convenções dos textos é uma parte central da informação não-visual. Pois, o aprender a ler não requer memorização de nomes e letras, ou regras fonéticas, ou um grande vocabulário; tudo isto vem no curso do aprendizado da leitura, e pouco disso fará sentido para uma criança sem experiência em leitura.

Para facilitar esse processo, é preciso propiciar condições para que o estudante tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não apenas de ler e escrever, mas sobretudo fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade. É a partir da necessidade que os estudantes são capases de construir maneiras mais elaboradas de representação, até chegar ao domínio do código escrito.

Um dos elementos imprescindíveis à alfabetização é o processo de compreensão do funcionamento do sistema de escrita, ou seja, para se apropriar dessa linguagem é preciso pensar sobre ela e compreendê-la. Porém a necessidade de ler e escrever não surge da mesma forma para todo, já que vivem em meios sociais diferentes que lhes proporcionam experiências diversas, portanto, não são apenas os educadores que influenciarão na aprendizagem em relação à fala e a escrita, mas também a família. Como afirma Harper (1992, p.63) “Quanto mais jovem o aluno, maior a necessidade de utilizar recursos variados e não apenas ‘saliva e giz’”. Convém instigar todos os sentidos, ao exprimir exemplos, lembrar filmes sobre o conteúdo, estimular a curiosidade dos estudantes com questões e problemas.

O letramento dos estudantes obterá êxito se for prioridade de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, desde sua entrada na escola até o fim do período em que passa no ambiente escolar. ., torna-se interessante que o estudante tenha acesso a propagandas, cartazes, meios de comunicação e outros materiais disponíveis na instituição escolar, que incentivem a lectoescrita. Essas estratégias podem contribuir para que aos poucos se familiarizem com a leitura e a escrita. Segundo Barbosa (2006 p.27-49):

> Acreditamos que no atual cenário de “desencanto escolar” motivar seria a palavra chave para o resgate do interesse pelo aprender, pois etimologicamente a palavra motivo vem do latim “movere”, “motum” e significa aquilo que faz mover, em consequência motivar significa movimento.

É fundamental que haja motivação para aprender e buscar novos conhecimentos. Cabe ao professor incentivar o processo de alfabetização e, então, por meio de aprendizagens significativas. Deste modo, torna-se fundamental que o professor surpreenda os seus estudantes com métodos de alfabetização estimulantes e desafiadores, com o intuito de incentivar e estimular o interesse pela aprendizagem.

MÉTODO

Este artigo trata-se de revisão de literatura. Para a construção desse estudo foram utilizadas obras literárias didáticas e realizou-se uma busca por artigos científicos que estabelecem uma estimativa das produções científicas que envolvem aprendizado, dificuldade de aprendizado e professores. Realizou-se uma revisão bibliográfica, com pesquisa exploratório-descritiva da literatura em questão. As bases de dados utilizadas foram Scielo, PePSIC, Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade, restritas ao âmbito nacional. O levantamento bibliográfico ocorreu nos meses de junho a setembro de 2022.

Para Gil (2002), a estudos e pesquisas bibliográficas envolvem uma série de etapas, que seriam: escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação problema, elaboração do plano provisório de assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e redação de texto.

Para efetivação do levantamento bibliográfico, numa primeira etapa, realizo-se a busca do material nas bases já descritas, para isso foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: “aprendizado”, “dificuldade de aprendizado”, “formação do professor” e “alunos com dificuldade na aprendizagem”. Na segunda etapa da coleta de dados, foi realizada a escolha de textos e citações a serem utilizadas no artigo. Posteriormente, na terceira etapa, houve a análise e discussão dos resultados encontrados em cada pesquisa.

RESULTADOS

A dificuldade de aprendizagem consiste em um grupo de manifestações heterogêneas que afetam o rendimento da leitura, escrita e cálculo matemático, resultando em baixo rendimento escolar. Os estudantes que apresentam essas dificuldades não conseguem acompanhar as atividades de leitura e escrita por vários motivos que estão relacionados, por exemplo, às questões cognitivas e sociais, a forma com que o professore ensina, e aos conteúdos pedagógicos. Essas dificuldades estão diretamente relacionadas aos fatores extrínsecos (CUNHA; MARTINS; CAPELLINI, 2016).

As dificuldades e o rendimento escolar, por vezes, estão relacionados a problemas afetivos ou ligados à própria escola. Os estudantes podem apresentar algumas dificuldades por não se adaptarem à metodologia de ensino usada ou por não terem boa relação com os colegas ou com o professor. A dificuldade de aprendizagem está relacionada a fatores pedagógicos e não são classificadas como transtornos (GONÇALVES; CRENITTE, 2014).

Para Smith e Strick (2012), os problemas de aprendizagem estão relacionados a diversos fatores, como a inadequação pedagógica, o meio social desfavorável ou pouco estimulador para o desenvolvimento integral do indivíduo e causas relacionadas ao aspecto emocional. Tais fatores afetam diversas áreas da aprendizagem do estudante (SIQUEIRA; GURGEL-GIANNETTI, 2011). Estudos mostram que condições desfavoráveis, sejam elas socioeconômicas ou culturais, desfavorecem o desempenho educacional, que muitas vezes, ocasionam o fracasso e, por consequência, a evasão escolar. Diante disso, é possível que os estudantes que estão inseridos nas classes com maior vulnerabilidade social, desenvolvam dificuldade na aprendizagem escolar, bem como, que possuam algum transtorno de aprendizagem (SIQUEIRA; GURGEL-GIANNETTI, 2011). Assim, para desenvolver uma aprendizagem eficaz são necessárias várias habilidades cognitivas e um ambiente enriquecedor, que favoreça o desenvolvimento sensorial e as aptidões físicas e intelectuais. (HUDSON, 2019).

Tais aspectos devem ser avaliados por todos os responsáveis pelo processo

educacional visando melhorar o desempenho escolar, já que cada indivíduo desenvolve o aprendizado em ritmo diferente. Em muitos casos, isso não é considerado e aqueles estudantes com dificuldade de aprendizagem são tratados como alguém que apresenta algum tipo de transtorno prejudicial ao aprendizado, com diagnósticos que apontam para problemas biológicos, que atribuem ao estudante toda a responsabilidade por seu baixo desempenho escolar. (STEFANINI; CRUZ, 2006).

Fonseca (1995), assegura que o estudante com dificuldade de aprendizagem não deve ser rotulado como incapaz, mas sim, como aquele que tem uma forma de aprender diferente. Assim, é essencial que o professor esteja ciente de que no ambiente escolar existem vários estilos de aprendizagem e, com isso, busque conhecimentos específicos, como por exemplo, compreender como o cérebro processa as informações, e adapte o planejamento didático de modo a atender aqueles estudantes que necessitam de estímulos diferenciados para aprender. s estilos de aprendizagem, o que poderá tornar o processo de ensino mais satisfatório (HUDSON, 2019).

É importante que o professor obtemha informações por meio de sentidos remanescentes e considere que a audição, a visão e o tato são importantes canais de entrada de dados, que serão levados para o cérebro e transformados em conhecimento. Essa informação é crucial, pois há estudantes que aprendem com mais facilidade quando visualizam imagens, filmes e até mesmo demonstrações, ao mesmo tempo em que há outros que aprendem melhor quando as aulas são ministradas com argumentos verbais (HUDSON, 2019).

Oliveira e Chadwick (2002) ressaltam que as crianças/estudantes possuem diferentes formas de pensar, de aprender pois leem, escutam, estudam de maneiras diversas. Sendo assim, cada aluno desenvolve formas próprias para receber e processar novas informações. Essas diferenças modelam os estilos de aprendizagem. Há aqueles que preferem estudar por meio da leitura, outras, aprendem ao ouvir o professor; e outras, ainda, por meio da escrita. Alguns gostam de pensar por longos períodos de tempo sobre o que aprenderam, de maneira a relacionar a nova aprendizagem com o que já sabem a respeito do novo tema. Portanto, as preferências referem-se tanto à forma de receber quanto de processar a informação.

De acordo com Gonçalves e Crenitte (2014), é importante que os estudantes estejam cientes de como devem passar esses significados e analisar como retornam a esses conhecimentos. Ainda, é recomendável que os professores inovem e busquem práticas pedagógicas que valorizem as habilidades e entendam os limites dos estudantes. Se essa abordagem não for realizada no início da escolarização, é provável que resultem em dificuldades de aprendizagem cada vez mais acentuadas no futuro.

Deve-se pensar a instituição escolar como propulsora da diversidade e da pluralidade de sujeitos, pois é um ambiente permeado de diversas culturas, relações político-sociais e econômicas. O ambiente escolar e a equipe pedagógica atuam e influenciam a ação do

estudante diante das dificuldades que lhe são apresentadas, que interferem na assimilação de informações e conteúdos (SANTOS; DAZZANI; ZUCOLOTO, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo investigar as dificuldades de leitura, escrita e aprendizagem em fase de alfabetização e o papel do professor ao lidar com este problema escolar.

Para alcançar os objetivos, foi elaborada uma revisão de literatura com foco nos fatores que levam alguns esdutantes a apresentarem dificuldades na aprendizagem de leitura e escrita. Foi incluído, também, na discussão, qual o papel do professor diante dessa dificuldade. Os estudantes com dificuldades de aprendizagem precisam de mais atenção e um tratamento diferenciado, com didáticas e metodologias específicas para cada caso.

Num país com inpumeros problemas sociais que afetam a escola, em que a educação não é tratada como prioridade, os mais prejudicados são os estudantes. É portanto, primordial que suas dificuldades não sejam ignoradas e tenham acesso ao tratamento adequado para superá-las. A dificuldade de aprendizagem é um fenômeno complexo, que ocorre dentro e fora da escola, que precisa, sobretudo, ser tratada como prioridade, por meio de um acompanhamento específico e especializado, .

As dificuldades de aprendizagem estão ligadas a diversos fatores, que se manifestam de forma diferenciada em cada um. Estas dificuldades têm relação com vários aspectos como os orgânicos, cognitivos, emocionais, familiares, sociais, pedagógicos, material didático e estímulos inadequados, baixa autoestima ou problemas patológicos, entre outros. Cada aspecto tem sua particularidade, porém interligados assumem potencial para conduzir a criança ao fracasso escolar. Descobrir os problemas antecipadamente é uma forma de prevenir o fracasso e promover o bom desenvolvimento no processo educativo. É importante que todos os envolvidos nesse processo atentos a essas dificuldades, pois assim o estudante terá mais possibilidades para desenvolver suas habilidades cognitivas.

No que se refere ao papel do professor, perante a experiência em sala de aula e no convívio com os estudantes no âmbito escolar, é possível construir várias alternativas para o processo de ensinar, de modo a buscar atender a individualidade de cada estudante. O professor, como agente transformador da sociedade, deve atentar para essas dificuldades e formular aulas com linguagens adequadas a cada caso, com metodologias que favoreçam a assimilação dos conteúdos e promovam a inclusão e participação de todos.

É essencial que a escola coloque em prática ações pedagógicas concretas para tratar dificuldades como prioridade, pois todos os estudantes têm direito à educação e orientação educacional que atendam as suas necessidades específicas de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura.** São Paulo: Cortez, 2006.

CIASCA, S. M. Apresentação. In: CIASCA, S. M. (org.) **Distúrbios de Aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CUNHA, V. L. O.; MARTINS, M. A.; CAPELLINI, S. A**. Relação entre fluência e compreensão leitora em escolares com dificuldades de aprendizagem**. Psic. Teor. E Pesq., 2016.

DOCKRELL, J., MCSHANE, J. **Dificultades de aprendizaje en la infancia** – un enfoque cognitivo. Barcelona: ediciones Paidós Ibérica,1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, T. dos S.; CRENITTE, P. A. P. Concepções de professoras de Ensino Fundamental sobre transtornos de aprendizagem. **Rev. Cefac**, v.16 nº3,817-829,2014.

HARPER, B. et al. **Cuidado, escola**. 8ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1992.

HUDSON, D. **Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia.TEA, síndrome de Asperger e TOC**. Petrópolis: Vozes,2019.

LEITE, V. A. M. **Dimensões da Não Aprendizagem**. Curitiba, PR: IESDE, 2012.

OLIVEIRA, J. B. A.; CHADWICK, C. **Aprender e ensinar**.São Paulo: Global,2022.

SANTOS, G. dos; DAZZANI, M. V. M.; ZUCOLOTO, P. C. S. do V. Narrativas de familiares sobre as dificuldades no processo de escolarização. **Psicologia Escolar e Educacional**,v.23.dez.2019.

SIQUEIRA, C. M; GURGEL-GIANNETTI, J. Mau desempenho escolar: uma visão atual. **Rev.Assoc. Med.Bras**., v.57, nº 1, p.78-87,2011.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre:Artes Médicas; 1989.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: Artmed,2012.

STEFANINI, M. C. CRUZ, S. A. B. **Dificuldades de aprendizagem e suas causas: o olhar do professor de 1º a 4º séries do Ensino Fundamental**.Educação.2006.

DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS: AVALIAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Data de submissão: 10/05/2023 *Data de aceite: 04/07/2023*

Jederson Garbin Tenório
Professor da Rede Pública de Mato Grosso. Mestre em Ciências do Movimento Humano pela UNIMEP-Piracicaba/SP.
http://lattes.cnpq.br/6114256001491338

Vinicius Aparecido Galindo
Professor do Centro Universitário do Norte de São Paulo- UNORTE, São José do Rio Preto-SP. Mestre em Ciências do Movimento Humano pela UNIMEP -Piracicaba/SP. http://lattes.cnpq.br/5327249069736591

RESUMO: Este artigo tem como finalidade propor reflexões acerca da avaliação em Educação Física (EF) escolar em interface com uma perspectiva subjetiva de análise do desempenho e avanço do educando em um constructo processual. É sabido que a avaliação, tradicionalmente é compreendida pela comunidade escolar com base em aspectos objetivos, o que tenciona com propostas mais críticas da Educação e da EF. Como caminho metodológico, optamos na realização de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, valorizando o mundo empírico em aproximação com a produção acadêmica existente. Consideramos que a avaliação em EF, precisa contemplar a diversidade dos sujeitos, em um processo contínuo de desenvolvimento que auxilie professores e alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação. Educação Física escolar. Cultura.

TWO WEIGHTS AND TWO MEASURES: ASSESSMENT AND SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT: This article aims to propose reflections on the evaluation of Physical Education (PE) at school in an interface with a subjective perspective of performance analysis and the student's advancement in a procedural construct. It is known that the evaluation is traditionally understood by the school community based on objective aspects, which intends with more critical proposals of Education and PE. As a methodological path, we chose to carry out a bibliographic research of a qualitative nature, valuing the empirical world in approximation with the existing academic production. We consider that the evaluation in PE needs to contemplate the diversity of the subjects, in a continuous process of development that helps teachers and students.

KEYWORDS: Evaluation. School Physical Education. Culture.

INTRODUÇÃO

A avaliação na disciplina de EF frequentemente foi considerada, ao longo de nossa atuação no magistério, algo percebido pelos alunos, com peso inferior às demais disciplinas e com um sentido de comparação muito presente. A impressão é a de que faltava algo concreto, documentado, como uma prova, um trabalho escrito ou teste físico com nota atribuída, fosse fundamental para que os educandos tivessem uma referência "objetiva" de seu resultado nas aulas, assim como as notas obtidas em provas de outras disciplinas. Nessa direção Charlot (2009, p. 243) nos esclarece:

> Não, a Educação Física não é uma disciplina escolar "como as demais". E acrescento: felizmente. Não é igual as demais porque ela lida com uma forma do aprender outra que não a apropriação de saberes-enunciados. Em vez de tentar anular ou esconder essa diferença; – dever-se-ia destacá-la e esclarecê-la.

A EF, em diálogo com uma avaliação processual[1], precisa ser relativizada em comparação à uma avaliação na perspectiva biológica, em que o foco é obter um resultado em que se afere o nível de precisão de um gesto técnico ou uma capacidade motora, por exemplo. No Ensino Médio, quando planejávamos avaliações escritas e as notas obtidas eram atribuídas com um peso grande relacionado à essa "prova", ficava claro o valor obtido na média bimestral e poucos eram os questionamentos dos alunos frente ao resultado. Por outro lado, a escassez do número de aulas práticas, não contribuía para uma certa vivência mais efetiva de conteúdos da cultura corporal de movimento.

Nos bimestres em que a avaliação era baseada na participação, no interesse e na superação das dificuldades ao longo das aulas práticas, alguns alunos questionavam muito suas médias e faziam muita comparação entre as notas que eles obtinham. Essa perspectiva, em buscar outros elementos a serem avaliados, nem de longe, era uma facilitação na avaliação, pois era pretexto representar a interação nas aulas. Esses "dilemas" se apresentavam ao longo dos bimestres e dos anos letivos de maneira frequente no processo educativo, visto como parte da complexidade que o problema se insere.

Além disso, era comum que os alunos do Ensino Médio, que se recusavam em realizar as aulas vivenciais, relatassem que não participavam das aulas no Ensino Fundamental e mesmo assim, os professores atribuíam a "média" aleatoriamente para eles. Havia ali uma necessidade de considerar a diversidade de expectativas dos alunos e ao mesmo tempo, fazer uma intervenção com um maior rigor metodológico e avaliativo. No entanto, essa inquietação, nos move no sentido de valorizar a vivência, as aulas práticas e o

1 A avaliação processual, também conhecida como formativa pode ser, conforme Sant´anna (1995, p. 34): "[...] realizada com o propósito de informar o professor e o aluno sobre o resultado da aprendizagem, durante o desenvolvimento das atividades escolares".

comprometimento dos alunos. Assim, esse trabalho encontra “eco” nas palavras de Minayo (2001, p. 17) que considera: “[...] nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”. Na sequência, apresentamos o percurso metodológico que fundamentou a estrutura do trabalho.

METODOLOGIA

Como procedimento metodológico foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os temas (juntos ou separados): “Educação Física escolar”, “Avaliação” e “Cultura”, baseados em alguns autores, como: Luckesi (1994), Daolio (2006), Cruz de Oliveira (2007), caracterizando uma pesquisa eminentemente qualitativa, sendo realizado a partir da base de dados Scielo, do Google Acadêmico e do Banco Brasileiro de Teses e Dissertações (BDTD). Esse levantamento bibliográfico é base para a discussão do problema investigado e também para a construção do referencial teórico que deu fundamentação para algumas considerações. A finalidade da pesquisa bibliográfica é acessar produções científicas disponíveis sobre um determinado tema, caracterizando um tipo de análise que corresponde às pesquisas qualitativas. Para Minayo (1994, p. 21-2) esse tipo de pesquisa.

> [...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Em relação ao tratamento das obras que são referência para este trabalho, apoiamo-nos nas diretrizes para leitura, análise e interpretação de textos, de acordo com Severino (2007). A aproximação do conhecimento científico com o mundo empírico das e nas aulas também é explorado no decorrer do trabalho, considerados como dados imprescindíveis que não devem ser desconsiderados, como expressões cotidianas do “chão da quadra”. Baseados em Minayo (2001, p. 35) podemos compreender que:

> A pesquisa científica ultrapassa o senso comum (que por si é uma reconstrução da realidade) através do método científico. O método científico permite que a realidade social seja reconstruída enquanto um objeto do conhecimento, através de um processo de categorização (possuidor de características específicas) que une dialeticamente o teórico e o empírico.

O referencial teórico deste trabalho está embasado em autores da Educação e EF, sendo o levantamento bibliográfico feito no mês de março a junho de 2019.

MUDANÇA DE PARADIGMA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Ao longo de muitos anos, as aulas de EF priorizaram o desenvolvimento da aptidão física, baseado pela égide das Ciências Naturais, movida por uma perspectiva instrumental, associado a técnicas corretas de execução de movimento e exercícios repetitivos. Neste sentido, vale destacar que, no Brasil, a EF foi inserida na escola, no início do século XX,

até meados da década de 1940, sob a forma de ginástica. A mesma era ministrada por instrutores do exército e a disciplina era confundida com a EF militar (BRACHT, 1992). As instituições militares, médicas e desportivas, ao longo do século XX, exerceram influência determinante na prática pedagógica das aulas de EF, que absorveu os signos dessas instituições para o ambiente escolar. As Ciências Naturais influenciavam o pensamento da época, com forte presença do evolucionismo de Darwin (DAOLIO, 2006).

Posteriormente, por algumas décadas, principalmente nas de 1960 e 1970, o positivismo era a corrente filosófica que preconizava a substituição da pura observação empírica para uma visão científica, tendo como lema os dizeres: "ordem e progresso" (GADOTTI, 1993). Segundo essa ideologia da ordem, o país não seria mais governado pelas "paixões políticas", mas pela racionalidade dos cientistas eficientes: os tecnocratas. Era necessário ao sistema educacional alinhado ao modelo econômico que precisava de mão-de-obra para atender o processo de industrialização e o crescimento das cidades. A valorização dos princípios produtivos e do consumo, portanto, foi base do ensino tecnicista, tendo implicações com um ensino que atendesse ao mercado de trabalho, por meio da instituição escolar, se preocupando em preparar os sujeitos para o mercado produtivo. Dessa forma, Saviani (2007, p. 160) reitera: "[...] o trabalho orienta e determina o caráter do currículo escolar em função da incorporação dessas exigências na vida da sociedade".

Esse modelo pedagógico liberal tinha características de uma perspectiva tecnicista. Para Luckesi (1994, p. 61): "seu interesse imediato é o de produzir indivíduos "competentes" para o mercado de trabalho, transmitindo eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas". Nas aulas de EF, o modelo de esporte explorado, no auge do período militar, se traduzia em uma prática mecânica se assemelhando com o modelo social produtivo predominante. Essa concepção pode ser comparada com o que Freire (2005) denomina de "educação bancária".

Dessa maneira, desenvolvia-se uma prática da EF na escola com características bem definidas, ou seja, alunos executores de exercícios físicos, práticas repetitivas, com parte inicial voltada aos alongamentos e aquecimento com corridas ao redor da quadra, subir e descer escadas de arquibancadas além de polichinelos, parte principal com uma prática esportiva vigorosa e, parte final, com uma sessão abdominais e novamente, alongamentos. Quando todos estavam cansados aproximava-se do final da aula, que também poderia ser considerada uma sessão. Essa prática pedagógica tinha um ritual bem definidos e havia uma intervenção pedagógica muito presente, podendo ser compreendida na perspectiva tradicional.

No campo avaliativo, a EF se concretizava por valorizar a *performance* humana, sendo atribuídas notas aos alunos conforme o êxito nas tarefas que eram atribuídas durante as aulas, se sobressaindo os mais habilidosos, fortes e ágeis. Sabe-se que os alunos, buscam notas conforme seus desempenhos durante uma atividade bem-sucedida, levando em consideração apenas o fim. De acordo com Souza (1990), esse tipo de avaliação foi

desenvolvido a partir de profissionais que não eram da EF, tais como: militares e médicos. Nesse sentido, criavam critérios baseados em padrões de movimentos preestabelecidos de fácil quantificação. O professor para evitar a subjetividade, avaliava os alunos em modelos prontos e comparativos de uns com os outros e em participação em competições esportivas, além do seu desempenho motor ou gesto técnico (SOUZA, 1990). Para ilustrar, o aluno que acertar 10 saques por cima recebe nota 10, e assim sucessivamente. Ao observamos esse modelo, deixamos de valorizar toda a evolução do aluno menos habilidoso que por motivos diversos chegam com dificuldades para as aulas. O que é comum em turmas totalmente heterogêneas.

Conforme nos esclarecem Diniz e Amaral (2009, p. 253) esse processo era visto: "[...] através da avaliação das performances dos alunos, que valoriza a aptidão física e considera como itens avaliativos a técnica, o domínio das regras, o desenvolvimento das habilidades motoras, entre outros". Na sequência, buscamos traçar um *continnum* histórico das aulas que tinham como características um modelo de aulas até o fim do período militar.

ROMPIMENTO ENTRE O TRADICIONAL E O "ROLA BOLA"

A tentativa de solução dos problemas no campo da EF se deparou com a necessidade da junção entre teoria e prática. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) em seu artigo 35, no parágrafo IV, indica a importância de: "[...] compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina". Com o fim da ditadura militar no ano de 1984, a EF passa por um processo de transformação com a inserção de professores em programas de mestrado na área da Educação e das Ciências Humanas, acrescentando-se a isso uma abertura político-social, sendo fatores que colaboraram para um impulso da produção teórica[2] da área. Darido (2003, p. 3) compreende esse período como:

> Em oposição à vertente mais tecnicista, esportivista e biologista surgem novos movimentos na Educação Física escolar a partir, especialmente, do final da década de 70, inspirados no novo momento histórico por que passou o país [...] (DARIDO, 2003, p. 3).

Considerando que as proposições se deram no âmbito das universidades, sem a participação dos atores que desenvolviam a EF na escola, ou seja, os professores, as concepções teóricas se constituíam em propostas oriundas de outras áreas do conhecimento, como por exemplo, Antropologia, Filosofia, Sociologia e Psicologia, além da Fisiologia e da Biomecânica. Conforme o Coletivo de autores (1992, p. 28), "[...] o movimento renovador que mobilizou parte da categoria dos professores de Educação Física, em especial os

2 Os brasileiros que fizeram doutorados no exterior, colaboraram para o surgimento de novas ideias e reflexões na EF brasileira, além da criação de cursos de pós-graduação, sobretudo nas Ciências Humanas, havendo um aumento de publicações e congressos científicos (DAOLIO, 1998).

vinculados a Programas de Pós-Graduação, deixou de fora os professores atuantes nas redes de ensino regular, o que constitui maioria da categoria".

Pode ter surgido aí, o início de aulas com menor intervenção pedagógica, ou seja, as novas abordagens tiveram dificuldade em romper com o discurso, acompanhado de uma ação. A prática desenvolvida ficou entre dois extremos, nem a prática esportivista-tecnicista, nem a prática renovadora. "No "chão das escolas", essa crítica maciça do modelo esportivista ocasionou outro extremo" (MALDONADO; SILVA, 2016, p. 35). Diante disso, começou existir uma tensão entre pedagogias tradicionais-esportivistas, baseadas na *performance* e novas propostas pedagógicas de caráter crítico. Essa menor intervenção pedagógica, juntamente com um menor protagonismo do professor e maior foco no aluno e no processo em si é atribuída ao movimento conhecido como Escola Nova, surgido nos Estados Unidos na década de 1920, que teve como principal percursor Jonh Dewey, que teve grande influência para a prática pedagógica no Brasil até os dias atuais.

> Essa linha de pensamento alicerça-se no neoliberalismo e seus princípios de liberdade de escolha dos indivíduos. Entretanto, acredita-se que a questão de considerar os interesses discentes nas práticas curriculares, neste caso da Educação Física, tem seus pressupostos na abordagem de ensino construtivista, escolanovista e/ou freiriana (ILHA; HYPOLITO, 2016, p. 178).

Esse pressuposto buscava aproximar as aulas às expectativas discentes, quando destaca que a seleção dos conteúdos é propiciada aos alunos, entendidos como agentes da aprendizagem na qual escolhem aquilo que gostariam de aprender. Outro fator que colabora para o surgimento do fenômeno da falta de intervenção pode ser ligado ao descontentamento com a profissão. Para Duarte e Oliveira (2011), a carga horária de trabalho exaustiva, os baixos salários, salas lotadas, são aspectos que colaboram para uma situação precária de trabalho. Dessa forma, esse quadro indica o pressuposto de que, no caso da EF, o fenômeno do "rola-bola[3]" e do descontentamento estejam ligados intimamente a esses aspectos. Segundo Machado et. al. (2010), o abandono do ensino tradicional-esportivo nas aulas, a partir das décadas de 70 e 80, em que o foco eram as técnicas e habilidades esportivas, deixaram as aulas "soltas", sem compromisso com o ensino. Portanto, a prática pedagógica não se desvincula de processos avaliativos que, portanto, acabam sendo representações do espaço da aula. Ou seja, se há uma prática não diretiva, provavelmente a avaliação pode ser negligenciada.

A NECESSIDADE DE INTERVIR EM UMA PERSPECTIVA CULTURAL

Tais características, denotam uma relação muito próxima ao pensamento evolucionista do século XIX, que não considerava as diferenças entre os homens (DAOLIO, 2006). Esse pressuposto concebia os homens do ponto de vista de suas semelhanças

3 Expressão que denota a ausência de uma ação didática, caracterizada quando o professor deixa os alunos livres para fazerem o que mais gostam, como por exemplo, jogarem futebol ou voleibol e fica apenas observando-os.

físicas, sendo desconsideradas as diferenças culturais e sociais que faziam parte dos sujeitos. Esse argumento, eurocêntrico, considerava que os europeus eram os povos mais civilizados e, portanto, dotados de cultura. Outros povos distantes eram vistos como primitivos, que na visão europeia, ainda não tinham atingido características da civilização deste continente. Nesse sentido, os seres humanos eram vistos como um amontoado de ossos, músculos, células e articulações. Logo, a visão de um corpo essencialmente biológico restringia a compreensão mais ampla de ser humano. Isto por que, de acordo com Geertz (1989, p. 26):

> A enorme e ampla variedade de diferenças entre os homens, em crenças e valores, em costumes e instituições, tanto no tempo como de lugar para lugar, é essencialmente sem significado ao definir sua natureza. Consiste em meros acréscimos, até mesmo distorções, sobrepondo e obscurecendo o que é verdadeiramente humano — o constante, o geral, o universal — no homem.

Somente após a década de 1980, o termo cultura ganha destaque quando alguns estudiosos da área de EF foram fazer seus cursos de mestrado e doutorado em disciplinas relacionadas às Ciências Sociais e Humanas, como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, Filosofia, dentre outras. Surge um entendimento de que, as manifestações corporais do homem, são produtos da dinâmica cultural, desde que o homem evoluiu até os dias de hoje.

Novos olhares foram lançados sob a EF, ampliando uma visão prioritariamente biológica, para introduzir o conceito de cultura como base para identificar a especificidade da EF escolar, surgindo alguns termos, propondo uma conceituação da área, tendo em comum a concordância de que os jogos, as danças, os esportes, as lutas e a ginástica, fazem parte do conteúdo das aulas.

Esse entendimento atribui às aulas de EF, um significado cultural, por acontecer em um determinado contexto, com a participação de alunos, professores, que possuem concepções, anseios e perspectivas distintas, em um determinado momento histórico. Verificamos que o termo cultura era associado desde então, para justificar quem tinha mais conhecimento produzido, ou seja, era exterior ao homem (DAOLIO, 2004). Com as contribuições da Antropologia, desvinculando-se de um conceito e metodologia de caráter evolucionista, no início do século XX, as pesquisas de campo de Franz Boas e Bronislaw Malinowski, trouxeram contribuições ao considerarem que as sociedades, mesmo as mais distantes e menos civilizadas, eram dotadas de especificidades. Por meio destas pesquisas, começaram a compreender que: "[...] apesar das diferenças entre as várias sociedades, existem semelhanças entre os seres humanos, dentre as quais a mais interessante é a capacidade de se diferenciarem uns dos outros..." (DAOLIO, 2011, p.22). Observa-se que a cultura era interpretada de forma tímida, sobretudo ao pensamento do intelecto, no entanto, mais tardiamente, o termo cultura passa a ser compreendido de forma mais ampla, ao caracterizarmos um conjunto de ações e simbolismos que o ser humano incorpora e atua

em sociedade. O sentido de cultura, do qual vamos adotar neste estudo, será baseado em Geertz (1989):

> O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado" (GEERTZ, 1989, p.4).

Podemos perceber, segundo as considerações de Geertz (1989), uma aproximação entre os conceitos e compreensões do termo cultura, como um conjunto de simbolismos que o homem tece, constrói e significa a sociedade que ele atua. A partir desta consideração, enfatizamos que a cultura permeia a história do ser humano e o corpo é o meio de expressão desta cultura, simbolizando uma identidade, por meio das interações, costumes, hábitos, valores e normas sociais. Observa-se que estes conceitos de cultura ultrapassam os limites dos significados remetidos aos sentidos do corpo, e remetem-se ao sentido social do ser humano no meio em que vive.

A palavra cultura apresentava-se, portanto, com relação à área das Ciências Humanas contrapondo-se a vertente biológica das Ciências Naturais que permeavam a prática pedagógica das aulas. O educador, ao considerar todos os elementos que influenciam a educação dos sujeitos, percebe que o ambiente que pertencemos, educa por meio da família, do grupo de amigos, dos meios de informação, até mesmo da religião que o sujeito pertence e que têm implicações nas aulas de EF. Pessoas que pertencem a uma comunidade, a uma família, a um grupo, movem o cotidiano escolar e circulam em seu interior. A escola é, portanto, um espaço sociocultural e as aulas de EF inseridas neste contexto, passam a ser parte da manifestação da cultura. Partindo-se desses princípios, os alunos que estão inseridos nas aulas, podem ser vistos como receptores e produtores de significados. Conforme Daolio (2006, p. 14):

> Parece haver, atualmente, na Educação Física, mais autores interessados no processo de "desnaturalização" da área, vendo o aluno, seu corpo e suas capacidades motoras não como dados de natureza exclusivamente biológica, mas fazendo parte de uma história, de um processo social, de um contexto político, de uma dinâmica cultural.

Por isso, a avaliação em EF que fuja a atribuição de notas em função da execução correta de movimentos ou da realização de uma tarefa em um determinado tempo é muito mais complexa, pois, ao professor é exigida a observação de aspectos que não podem ser mensurados como interesse, companheirismo e respeito às regras, por exemplo. Por outro lado, é preciso considerar a importância do professor estar atento à esses aspectos e oportunizar aos alunos espaços que tornem esse dispositivo, algo encarado com comprometimento e responsabilidade. "A avaliação, em si mesma, é um instrumento de dinamismo e progresso" (LUCKESI, 1994, p. 172). No que se refere a EF, recorremos a

Ferreira et. al. (2009, p.3) para buscar a avaliação em aproximação com uma especificidade da área:

> [...] avaliar em Educação Física consiste em reconhecer, diagnosticar, desenvolver e valorizar a expressão individual, a cultura própria e a manifestação da afetividade, viabilizando a aprendizagem e formação integral do educando.

Compreender a EF escolar sob o ponto de vista cultural, é considerar a complexidade que ela está inserida, seja no local que ela se desenvolve, seja na concepção dos sujeitos envolvidos nas aulas. Alunos que compõem o universo das aulas e entre eles, alguns conseguem realizar tal tarefa com facilidade, outros têm experiências motoras anteriores, conforme suas condições sociais ou econômicas que se inserem. “O movimento é humano, e o homem é fundamentalmente um ser social” (BRACHT, 1992, p.66).

Se compreendermos as aulas do ponto de vista biológico, aceitaríamos que o corpo é uma construção exclusivamente natural e poderíamos considerar normal que os alunos mais altos joguem basquete com mais facilidade, os magrinhos praticarem futsal com maior destreza, as meninas a dançarem com certa leveza e os gordinhos a arremessar peso em uma distância maior. Nesse processo, a cultura representa o entendimento de como as pessoas são, como se relacionam, se comportam e se interagem. É necessariamente, compreender para além do aparente, é descobrir, os valores e expectativas pertencentes nas ações desenvolvidas pelos indivíduos em suas sociedades. Ou seja, o aluno chega na escola com uma diversidade de experiências de acordo com o seu contexto na qual está inserido, cabendo ao professor ampliar e qualificar criticamente as diversas manifestações culturais deste sujeito. Não se busca a interpretação e explicação do que ocorre com os indivíduos de forma isolada, mas relacionando com um conjunto de elementos que é vivido e transmitido, pela adaptação de quem se insere na dinâmica estabelecida.

Para Daolio (2004), alguns princípios por ele associados à antropologia social, são importantes para que se garanta a prática escolar da EF em uma perspectiva cultural: a) a pluralidade; b) a alteridade e c) a consideração das diferenças culturais. Dessa maneira, “superar”, seria promover oportunidades de acesso e inserção nas atividades, se preocupando com a diversidade de alunos presentes na escola. Esse conhecimento cultural a ser tratado pela EF, conforme Daolio (2006, p. 95): “[...] trata do ser humano em suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica”. A EF baseada em uma perspectiva cultural propõe um olhar aos valores que os alunos atribuem às práticas corporais dentro de seu contexto social, acessando os significados que ele atribui aquela manifestação, ressignificando e ampliando as práticas corporais, além do cuidado para que não seja reforçada a cultura dominante. Assim, Cruz de Oliveira (2007, p. 23-24) nos alerta:

> [...] Um professor de EF [...] ao chegar numa escola e detectar que os alunos gostam e valorizam a prática do futebol, pode, no discurso da consideração

> da realidade dos alunos, acabar "moldando" toda sua ação em torno de uma única prática corporal, tolhendo assim, inúmeras outras possibilidades de acesso ao conhecimento.

Esse "equívoco" pode tornar a prática pedagógica sem legitimidade e, portanto, a avaliação pode ser realizada sem muita coerência. Se a prática não é diretiva, ou seja, quase não há interferência docente, pode acontecer de, as meninas que gostam de futebol jogarem junto com os meninos, outros jogarem alguma atividade ao lado da quadra e aos não participantes, é atribuída uma nota média. Outro exemplo pouco ligado à uma intencionalidade educativa, pode ser ilustrado por Bungenstab (2017, p. 74) conforme observações de campo: "O professor apenas liberou as bolas e nem sequer ficou vigiando os alunos, que, em sua maioria, pareciam estar se divertindo durante a aula, mesmo que o professor nada estivesse ensinando para eles".

A necessidade de intervenção pedagógica neste contexto deve ser compreendida como espaço privilegiado de conduzir o aluno ao acesso de conteúdos da cultura corporal de movimento. Dessa forma, a intervenção pedagógica representa uma interferência que o educador realiza na aprendizagem, com o intuito de ampliar o conhecimento dos alunos, na medida que os mesmos poderão decidir quais as manifestações que eles mais se identificam, podendo realizá-las com autonomia fora da escola. Assim, compete ao professor por meio da mediação pedagógica ampliar a visão dos estudantes referente a um determinado tema, contribuindo para o acesso ao conhecimento sistematizado. Além disso, é preciso, no processo avaliativo, saber unir a consideração cultural, com a necessidade de um agir metodológico que não deixe o processo solto, embora, como salientado anteriormente, uma avaliação de aspectos subjetivos é mais complexa e não menos importante para a adoção de valores importantes para a formação do educando. "Nenhum avanço se dá sem um esforço e, pois, sem uma ruptura com o estado de repouso" (LUCKESI, 1994, p. 88). Vale destacar também que algumas experiências relacionadas ao ensino de aprovação automática, indicam a falta de interesse dos alunos às atividades escolares. Esse modelo precisa ser superado, fazendo com que os alunos valorizem e estejam "comprometidos" no processo educativo. Para Ramos (1992, p. 46): "[...]ao longo da história das leis, observa-se que houve um esvaziamento no valor das notas ou conceitos e que hoje elas para nada servem, a não ser para atender ao dispositivo legal. O que promove ou retém o aluno são as faltas". O que dizer de alunos do 9º ano que simplesmente se recusam em participar das aulas na EF e no ano seguinte, no Ensino Médio, acabam realizando as atividades propostas, por reconhecer o risco de obtenção de notas ou conceitos abaixo da média?

Nossa experiência com alunos do Ensino Médio, nos leva a comparar o nível de participação das turmas, quando se anuncia na aula, que a atividade do dia será avaliada pelo professor. O número de alunos que não realiza a aula prática, diminui drasticamente.

> O professor, ao utilizar a avaliação como um recurso para o educando verificar seu crescimento, estará permitindo o aluno a se tornar um aprendiz crítico

> capaz de avaliar as contribuições feitas pelos outros; estará oportunizando ao aluno conhecimentos relevantes para a solução de problemas; estará oferecendo condições para o aluno ser criativo e livre, além de capaz em suas iniciativas e responsável por suas ações (SANT´ANNA, 1995, p.43).

No desenvolvimento de ações práticas, o professor pode e deve motivar os sujeitos na participação das atividades, promovendo um novo significado no processo de ensino-aprendizagem. Souza Júnior e Darido (2009) efetuaram uma experiência que teve a finalidade de superar as ausências dos alunos nas aulas de EF, quando os mesmos pediam dispensa das aulas práticas. Propuseram avaliações mais rígidas compostas por entrega de trabalho escrito, apresentação de seminários e realização de provas escritas. Desta forma, os alunos notaram que era difícil ser um aluno dispensado das aulas práticas e com isso, não obtinham notas razoáveis. Assim, o problema das dispensas no colégio estudado diminui de 22,46%, em 2005, para 4,9%, em 2007. Considerando esse momento, apontam-se possibilidades de readequação e superação do processo educativo. A BNCC aponta a necessidade de os currículos valorizarem a avaliação em uma perspectiva processual, servindo de objeto de reflexão, cabendo à instituição e aos atores que a compõem:

> Construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos (BRASIL, 2017, p. 17).

Em relação ao texto da EF, não encontramos menção ao termo avaliação, sendo um referencial curricular com foco na apresentação de metodologias e conteúdos a serem desenvolvidos no Ensino Fundamental. De qualquer forma, a EF pela sua especificidade no corpo e no movimento é a disciplina que mais dialoga com uma avaliação de aspectos subjetivos. Isso não significa que a EF se legitime perante a comunidade escolar sem um trabalho de produção de saberes e vivências diversificadas aos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pode-se concluir que a avaliação é um assunto emergente na área da EF escolar e constitui um conhecimento em processo de construção com necessidade de outros estudos que focalizem níveis de escolaridade, público envolvido, conteúdos e outras experiências pedagógicas que possam retratar está temática. A necessidade de um maior rigor metodológico é um aspecto que merece destaque ao preconizarmos a legitimidade no “chão da escola”, que não é exclusivo da EF, mas de todas as disciplinas. Valorizar a avaliação como um momento contínuo, que não prescinde de processos mais comprometidos com a escola, com os saberes, com a formação de seres humanos autônomos é papel da escola e dos professores, embora as políticas públicas tenham construído mecanismos que enfraquecem a decisão docente, pelo menos a nível de discurso, que muitas vezes, se materializam nas escolas. Há uma necessidade

de revisão de valores, metodologias e práticas pedagógicas que foram esquecidas nas últimas décadas e podem ser revisitadas, para contribuir na valorização da escola e na aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 21 de maio de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 23 jul. 2019.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. **Sobre juventude e educação física**. São Paulo: Giostri, 2017.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola:** questões e reflexões. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara Koogan, 2003.

CHARLOT, Bernard. **Ensinar a Educação Física ou ajudar o aluno a aprender o seu corpo-sujeito?** In: DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira; KUHN, Roselaine; DANTAS JÙNIOR, Sérgio Doreski (Orgs.). Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes. São Cristóvão: Editora da UFS, 2009, p. 231-246.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

CRUZ DE OLIVEIRA, Rogério. Educação física e diversidade cultural: um diálogo possível. **Conexões** (UNICAMP), v. 5, p. 20-31, 2007.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 2011.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura:** educação física e futebol. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física Brasileira:** autores e atores da década de 1980. Campinas, SP: Papirus, 1998.

DINIZ, Josiane; AMARAL, Silvia Cristina Franco. A Avaliação na Educação Física Escolar: Uma Comparação entre as Escolas Tradicional e Ciclada. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 01, p. 241-258, jan./mar., 2009.

DUARTE, Adriana; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Políticas educacionais e o trabalho docente na atualidade: tendências e contradições. In: DUARTE, Adriana; OLIVEIRA, Dalila Andrade (orgs.) **Políticas Públicas e Educação: regulação e conhecimento.** Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2011. p. 161-182.

FERREIRA, Heraldo Simões; SOUZA, Caroline Teles; COSTA, Francisco Pimenta; CAVALCANTE, Jonatans; ASSUNÇÃO; Júlio César Ribeiro; BEZERRA, Karine Conrrado. Avaliação em Educação Física escolar: um estudo com professores da disciplina na cidade de Fortaleza. **Revista Digital** - Buenos Aires, v. 14, n. 133, jun. 2009. Disponível em: http://www.efdeportes.com/. Acesso em: 08 de julho de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

ILHA, Franciele Roos da Silva; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Esportivização da Educação Física escolar: um dispositivo e seus regimes de enunciação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 173-186, jan./mar., 2016.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; MORAES, Claudia; ALMEIDA, Ueberson; ALMEIDA, Felipe Quintão. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 129-147, abr./jun., 2010.

MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. **Educação Pública:** a realidade da educação física na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecilia de Souza. (org.). **Pesquisa Social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

RAMOS, Miriam Pascoal. **Educação Física Escolar:** o lado oculto das ausências às aulas. Dissertação (Mestrado). 1992. 158 fls. Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Unicamp, Campinas, 1992.

SANT´ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar?: como avaliar?: critérios e instrumentos.** Petropólis, RJ: Vozes, 1995.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação.** v. 12, nº 34, p. 152-180, jan./abr., 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia Trabalho Científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. Dispensas das aulas de Educação Física: apontando caminhos para minimizar os efeitos da arcaica legislação brasileira. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.2, p. 22-32, 2009.

SOUZA, Nadia Maria Pereira de. Tendências da avaliação do ensino aprendizagem na educação física escolar. 1990. 116 fls. Dissertação (Mestrado). Universidade Gama Filho: Rio de Janeiro, 1990.

CAPÍTULO 4

CULTURA DO CICLISMO E EDUCAÇÃO FÍSICA - POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Data de submissão: 01/05/2023 *Data de aceite: 04/07/2023*

Emerson Luís Velozo
Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Departamento de Educação Física, Câmpus Irati
Irati, Paraná
http://lattes.cnpq.br/6228700231927300

Gláucia Andreza Kronbauer
Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Departamento de Educação Física, Câmpus Irati
Irati, Paraná
http://lattes.cnpq.br/3052430705928103

RESUMO: O ciclismo é aqui entendido como expressão da cultura corporal de movimento, que se manifesta em uma diversidade de formas, cada uma delas dotada de simbologias e significados próprios. O objetivo deste trabalho é relatar e discutir as experiências do curso de extensão *Cultura do Ciclismo e Educação Física*. O curso foi promovido pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Educação, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), *campus* Irati. Aconteceu no ano de 2019, com a participação de 46 pessoas, entre estudantes e professores de Educação Física, e comunidade. O curso se organizou em cinco etapas. O encontro inaugural teve como tema central "Ciclismo e Educação Física escolar: Por que ensinar? O que ensinar? Como ensinar?". Foram abordadas questões como: a) Aspectos pedagógicos da Educação Física e do ciclismo; b) História da Bicicleta; c) O equipamento e seus usos. O segundo encontro contou com a participação do ciclista iratiense *Márcio* Razera (conhecido como Piru), para tratar das modalidades esportivas, especificidades sobre competições e equipamentos e o ciclismo em Irati. O terceiro encontro as temáticas: 1) "Ciclismo e Gênero" e; 2) "Ciclismo e Mobilidade Urbana". No quarto encontro realizamos uma experiência ciclística, percorrendo um trajeto de aproximadamente 15 km por estradas rurais do Município. No último encontro os participantes relataram que o curso possibilitou compreender o ciclismo como um conteúdo de ensino da Educação Física, pensar sua abordagem na escola e despertou o interesse para esta prática corporal. Concluímos que ciclismo, como expressão da cultura corporal de movimento, deverá ser pensado como conteúdo a ser tematizado pela Educação

Física, levando em consideração a legislação para a Educação Básica, e outros aspectos que se fizerem necessários para a sua compreensão e contextualização crítica.
PALAVRAS-CHAVE: Ciclismo; Educação Física; Educação Básica

CYCLING CULTURE AND PHYSICAL EDUCATION – POSSIBILITIES FOR SCHOLAR EDUCATION

ABSTRACT: Cycling is understood here as an expression of the movement body culture, which manifests itself in a variety of ways, each one endowed with its own symbols and meanings. The objective of this work is to report and discuss the experiences of the extension course Culture of Cycling and Physical Education. The course was promoted by the Education, Culture and Contemporaneity Study and Research Group of the Department of Physical Education at the State University of the Midwest (UNICENTRO), Irati campus. It took place in 2019, with the participation of 46 people, including Physical Education students and teachers, and the community. The course was organized in five stages. The inaugural meeting's central theme was "Cycling and School Physical Education: Why teach? What to teach? How to teach? There were aproached issues such as: a) Pedagogical aspects of Physical Education and cycling; b) History of the Bicycle; c) The equipment and its uses. The second meeting had the participation of the cyclist Márcio Razera (known as Piru), to discuss the sports modalities, specificities about competitions and equipment and cycling in Irati City. In the third meeting there were discussed the themes: 1) "Cycling and Gender" and; 2) "Cycling and Urban Mobility". In the fourth meeting we carried out a cycling experience, covering a route of approximately 15 km along rural roads in Irati. In the last meeting, the participants reported that the course made it possible to understand cycling as a Physical Education teaching content, think about its approach at school and aroused interest in this body practice. We conclude that cycling, as an expression of the body culture of movement, should be thought of as content to be thematized by Physical Education, taking into account the legislation for Basic Education, and other aspects that are necessary for its understanding and critical contextualization.
KEYWORDS: Cycling; Physical Education; Basic Education

1 I INTRODUÇÃO

Este texto trata das experiências do curso de extensão Cultura do Ciclismo e Educação Física, realizado no ano de 2019 pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Educação, Cultura e Contemporaneidade, do Departamento de Educação Física da UNICENTRO, campus Irati.

O ciclismo é aqui entendido como expressão da cultura corporal de movimento, que se manifesta em uma diversidade de formas, cada uma delas dotada de simbologias e significados próprios (VELOZO, 2010). A cultura corporal é compreendida como parte da totalidade da cultura humana (BETTI, 1993) e, nesse sentido, o ciclismo passa a ser aqui pensado como uma forma de manifestação cultural. Seja como forma de mobilidade, de lazer ou de esporte, o ciclismo é componente do universo cultural e simbólico humano.

Segundo Daolio, (2004) as manifestações corporais humanas são produzidas na dinâmica cultural, por isso possuem significados diversos, de acordo com grupos e contextos específicos.

Apesar de ser uma prática que se constitui como expressão cultural, o ciclismo não tem recebido a atenção devida como conteúdo da Educação Física, disciplina que trata pedagogicamente da cultura corporal de movimento, e que tem como conteúdo as práticas corporais definidas pelos jogos, ginásticas, esportes, lutas e danças. Essa desatenção ao ciclismo ocorre no campo da Educação Física de modo geral e no ensino escolar, em especial, visto que são poucas as propostas no âmbito da Educação Física, que procuram analisar o ciclismo em suas relações com o mundo do esporte, do lazer ou da mobilidade urbana.

Tradicionalmente, o esporte, sobretudo os esportes coletivos, tem recebido maior atenção no ensino da Educação Física, enquanto práticas corporais como o ciclismo, em geral, não tem figurado entre os conteúdos abordados. Mesmo sendo uma prática corporal em ascensão, seja no âmbito do esporte e do lazer, como na mobilidade urbana, o ciclismo ainda é dotado de invisibilidade no ensino escolar. No processo de formação do professor ele também não se configura como um conteúdo central e poucos são os cursos de graduação que abordam este conteúdo como disciplina na matriz curricular.

O crescimento do uso da bicicleta como forma de mobilidade urbana no Brasil tem sido acompanhado pelo aumento no número de acidentes e mortes. A falta de políticas voltadas para a educação e a construção de infraestrutura que ajude a configurar um sistema de proteção ao ciclista é um problema marcante em nosso país. As políticas públicas para o ciclismo ainda são tímidas ao mesmo tempo em que o crescimento do uso bicicleta para diferentes fins tem apresentado um crescimento bastante considerável.

A ausência de atenção acadêmica sobre a bicicleta e os seus usos acaba por perpetuar os discursos amparados no senso comum, ineficazes na elaboração de políticas e culturas que contribuam para melhorar as relações com os usos da bicicleta na sociedade. Para além das interpretações que entendem que o pedalar se aprende "naturalmente" em casa ou na rua, colocar a questão do ciclismo como expressão da cultura significa situá-lo numa dimensão mais ampla, que envolve tanto os sentidos e significados produzidos socialmente sobre a bicicleta e até mesmo as questões materiais e objetivas relacionados ao acesso e aquisição deste equipamento. No entanto, poucas pesquisas dedicam atenção à temática, em especial, sob o olhar da educação escolar (PACHECO; VELOZO, 2017).

Para tanto, o objetivo deste trabalho é relatar e discutir as experiências do curso de extensão *Cultura do Ciclismo e Educação Física*. Acreditamos que os conhecimentos sistematizados a partir dessa experiência poderão contribuir para a promoção da cultura ciclística e sua efetivação como conteúdo da cultura corporal na Educação F**ísica.**

2 I O CICLSMO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA – FUNDAMENTOS PARA A DISCUSSÃO

Há algum tempo, compartilhamos em rede social uma notícia publicada no site Público, de Portugal, com o seguinte título: "Aprender a pedalar vai fazer parte do currículo escolar". A notícia fala de uma política portuguesa de incentivo ao uso da bicicleta desde a infância e enxerga a escola como espaço privilegiado para a sua implementação. Como comenta José Mendes, o Secretário de Estado Adjunto e da Mobilidade de Portugal, na referida notícia: "A educação para a mobilidade activa e sustentável, e para a cidadania rodoviária será providenciada a partir do pré-escolar, e continuada nos níveis seguintes, incentivando o uso partilhado e responsável do espaço público" (MENDES, APUD CORREIA PINTO, 2019).

Chamou-nos a atenção um comentário realizado sobre a postagem, o qual parece ter se atido somente ao título da publicação: "Mesma coisa que falar que os pais não servem pra nada kkkkkk.... não ensinam as crianças nem a pedalar...". Este comentário parece sugerir que a escola não deveria ensinar a pedalar, pois esta seria uma atribuição "natural" dos pais. O mais extraordinário neste episódio é que o referido comentário foi proferido por um professor de Educação Física, profissional que, em tese, deveria valorizar o ensino da cultura ciclística em sua disciplina de atuação.

No comentário fica implícita a ideia de que a escola não precisaria ensinar algo que o aluno tenha aprendido, de alguma maneira, no contexto familiar. A perspectiva de educação nele contida desconsidera a ideia de profissionalização do processo de ensino e aprendizado e, em última instância, depõe contra o próprio trabalho de professor. O caso apresentado expressa, assim, a necessidade de pensarmos sobre as múltiplas dimensões do ciclismo, para além do "ensinar a pedalar", e as tratarmos pedagogicamente no contexto escolar, o que deve ocorrer por meio da produção e disseminação de conhecimentos academicamente fundamentados sobre o ciclismo.

Diferentemente do comentário antes apresentado, alguns estudos fazem a tentativa de valorizar o ciclismo como conteúdo de ensino da Educação Física, como é o caso de Werlang; Bianchini (2014) e Werlang; Pedrozo (2014). Nestes trabalhos, entretanto, o ciclismo é analisado, especificamente, como forma de incentivar a prática de atividade física. Mesmo que reconheçamos que o ciclismo se constitui **também** como atividade física (atividade cujo objetivo central está no gasto energético e trato dos componentes da aptidão física), o ciclismo como expressão cultural deve ser visto a partir de um olhar mais abrangente, envolvendo a noção de totalidade, expressada por Mauss (2003), quando fala das técnicas do corpo como produto das distintas sociedades, não se limitando à uma manifestação biológica ou orgânica da atividade física. O ciclismo, portanto, não pode ser reduzido à noção atividade física, pois isso significaria instrumentaliza-la a ponto de torná-la apenas um meio, uma mera ferramenta para se alcançar os objetivos de aptidão física.

Pensar numa didática da Educação Física que envolva o ciclismo, ou melhor, uma didática do ciclismo na Educação Física escolar, de modo a superar a ideia de ciclismo como apenas o aprender o movimento de pedalar é um avanço. Apenas *saber pedalar*, *praticar o ciclismo como lazer*, *participar de competições esportivas desta modalidade* ou ainda *ser um usuário da bicicleta como forma de mobilidade urbana* não é suficiente para entender a complexidade de aspectos que envolve a cultura ciclística em nossa sociedade. Nesse sentido, como base teórica para a organização pedagógica do projeto ora relatado, bem como para as discussões, foram utilizados elementos da Abordagem Cultural (DAOLIO, 1995), da abordagem Crítico-Superadora (SOARES ET AL, 1992), da síntese entre estas duas abordagens (ABIB, 1999) e das Diretrizes Curriculares para o Ensino de Educação Física do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008). Destaca-se que, com relação às legislações da Educação Básica brasileria, no ato de elaboração do projeto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular do Estado do Paraná (CREP) estavam em fase inicial de implementação e, por isso, não foram utilizados como referência central.

A Abordagem Cultural entende que qualquer elemento, prática ou conteúdo da Educação Física consiste em expressão/manifestação da cultura humana, contrapondo-se às perspectivas que naturalizam o comportamento humano e que adotam uma postura a-histórica. A Abordagem Crítico-Superadora e as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (PARANÀ, 2008) assumem uma perspectiva histórico-critica revelando-se como alternativa à pedagogia tradicional na Educação Física. Ambas são consequência do desenvolvimento do pensamento renovador na Educação Física brasileira. A possibilidade de síntese entre essas abordagens consiste num exercício de reflexividade e proposição para o campo pedagógico da Educação Física.

As Diretrizes Curriculares para o Ensino de Educação Física do Estado do Paraná orientam que os conteúdos estruturantes da disciplina, que se organizam a partir de determinadas expressões da cultura corporal – jogos, ginásticas, esportes, danças e lutas –, sejam ensinados em sintonia com um conjunto de elementos articuladores dos referidos conteúdos. Nesse sentido, essas diretrizes indicam que tais expressões da cultura corporal devem ser articuladas com as noções de corpo, ludicidade, saúde, mundo do trabalho, desportivização, técnica e tática, lazer, diversidade, mídia (PARANÁ, 2008).

Esse tipo de análise é realizado por Bracht (2005) ao considerar que o fenômeno esportivo pode aproximar o praticante tanto da esfera do trabalho, quanto da esfera do lazer. Circunscrito à esfera do trabalho, ele agrega códigos como a racionalização dos meios, a relação vitória-derrota e a maximização do rendimento. Quando circunscrito à esfera do lazer ele alinha-se a códigos vinculados à sociabilidade, à saúde e ao prazer. Entendemos que o ciclismo, como fenômeno esportivo, também pode ser analisado nesta perspectiva, e que isso produz implicações para os princípios educativos que estarão contidos em sua metodologia de ensino.

Em relação ao ciclismo vinculado à mobilidade urbana, se por um lado existem

movimentos organizados que incentivam o uso da bicicleta e chamam a atenção para uma relação mais sustentável com o meio ambiente, por outro, os serviços de entrega, por exemplo, que empregam a bicicleta como meio de locomoção, por vezes, são romantizados e escondem novas formas de precarização do trabalho. Análise deste tipo de situação foi realizada no município de Irati, PR, por Pacheco (2015).

Ainda que pouco utilizados em nosso texto, cabe mencionar que no CREP (PARANÁ, 2018), assim como na BNCC (BRASIL, 2018a), os conteúdos de cada disciplina curricular estão organizados em unidades temáticas, objetos de conhecimento e objetivos de aprendizagem. Nestes documentos ciclismo aparece entre os esportes de marca, cujos objetivos se concentram em *experimentar e fruir*, *assegurar a integridade própria e dos demais participantes*, valorizar o *trabalho coletivo e o protagonismo*, conhecer e respeitar as regras da modalidade.

Os elementos apresentados até o momento indicam a importância de possibilitar o adequado tratamento pedagógico do ciclismo pela Educação Física, de modo que ele não se configure numa prática corporal constituída por uma forma de aprendizado meramente naturalizada no âmbito da educação familiar e distanciada de perspectivas criticas próprias da educação escolar. Também foram mencionados alguns elementos da dinâmica social que precisam ser discutidos, como o problema da redução do ciclismo à mera noção de atividade física, a sua relação com as esferas do trabalho e do não trabalho, e suas contradições no âmbito da mobilidade urbana.

3 | CURSO DE EXTENSÃO CULTURA DO CICLISMO E EDUCAÇÃO FÍSICA

O presente texto busca compartilhar as experiências do curso de extensão Cultura do Ciclismo e Educação Física, promovido pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Educação, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), campus Irati. O curso aconteceu nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2019. Os objetivos do curso eram: sistematizar e disseminar conhecimento sobre a cultura ciclística como parte da cultura corporal de movimento; organizar o conhecimento sobre a cultura ciclística de modo a possibilitar o seu ensino balizado por abordagens pedagógicas da Educação Física; possibilitar a abordagem da cultura ciclística mediada pelo rigor acadêmico originário das pesquisas existentes sobre o tema.

Participaram do curso 46 pessoas, entre estudantes e professores de Educação Física, e comunidade. O curso foi ministrado por dois professores do Departamento de Educação Física da UNICENTRO, uma estudante de Doutorado do Programa de pós Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário (PPGDC) da UNICENTRO e, como parte da comunidade, um ciclista do Município de Irati. Organizou-se em cinco etapas, sendo quatro encontros para discussão e uma experiência ciclística.

O encontro inaugural do curso aconteceu junto à programação da VI Semana de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE) da UNICENTRO. O tema central deste encontro foi "Ciclismo e Educação Física escolar: Por que ensinar? O que ensinar? Como ensinar?". Foram abordadas questões como: a) Contextualização do ciclismo na perspectiva das abordagens Cultural (DAOLIO, 1995) e Crítico-Superadora (SOARES ET AT, 1992); b) História da Bicicleta; c) O equipamento e seus usos.

Inicialmente, debatemos os fundamentos da abordagem Cultural e da abordagem Crítico-Superadora para a Educação Física, o que se faz necessário para construir um aporte teórico que justifique a presença do ciclismo como conteúdo escolar. A proposta foi de que as nossas experiências e reflexões durante o curso fossem conduzidas pelas perguntas: Por que ensinar? O que ensinar? e Como ensinar?.

Foi elaborado e disponibilizado aos participantes um material em slides, com base em referencias diversas entre as quais se destaca o texto "Pedalando na Modernidade" (SCHETINO, 2008). Este material sistematizou informações sobre a história da bicicleta, desde o primeiro projeto de Leonardo da Vinci, datado do século XV, passando pelo Celerífico do Conde Sivrác, pela Draisiana e o velocípede, até as bicicletas contemporâneas. Vale mencionar a relação da bicicleta no desenvolvimento industrial, tanto como objeto a ser aprimorado quando como meio de transporte mais veloz e eficiente dos trabalhadores, sua presença nos movimentos feministas e de contracultura, e o surgimento do ciclo-ativismo como alternativa sustentável.

Ao final deste encontro foram apresentados diferentes tipos de bicicletas e seus usos, as principais partes e peças da bicicleta, algumas orientações básicas de manutenção e equipamentos de segurança.

O segundo encontro aconteceu integrado às atividades da VI Semana Científica do curso de Educação Física e contou com a participação do ciclista iratiense *Márcio* Razera (conhecido como Pirú). Essa participação expressa a dialogicidade entre universidade e comunidade, ao promover a interlocução entre o conhecimento acadêmico e as experiências de agentes promotores da cultura ciclística no Município, conforme preveem os princípios da extensão universitária brasileira (BRASIL, 2018b). Foi abordado um conjunto de questões relacionadas ao ciclismo esportivo: a) Modalidades esportivas; b) Especificidades sobre provas e equipamentos; c) Fatos sobre o ciclismo em Irati - competições e cicloturismo. Inicialmente, Márcio apresentou aos participantes as principais características do ciclismo esportivo e suas modalidades: ciclismo de estrada, *mountain bike* (*cross country* e *maraton*), *free style*, *down hill*, expondo também as especificidades de cada bicicleta. Em seguida abordou o ciclismo em Irati a partir de informações sobre o crescimento do número de pessoas que buscam uma prática corporal não competitiva e de eventos de cicloturismo.

Abriu-se o encontro para perguntas dos participantes, momento em que o ciclista, que iniciou a prática no ano de 1992, pode compartilhar suas experiências. O ciclista trouxe para o encontro algumas bicicletas que fizeram parte de sua trajetória, entre elas, uma

da marca Caloi, do ano de 1966, que, segundo ele, foi encontrada em um caminhão de sucata. Em busca de novos desafios para uma carreira que iniciou em 1992, Márcio passou a realizar provas como a subida da Serra da Graciosa (PR) e o Desafio da Serra do Rio do Rastro (SC) com aquela bicicleta, figurando entre os primeiros de sua categoria contra competidores com bicicletas atuais.

Figura 1 – Imagens do segundo encontro do curso Cultura do Ciclismo e Educação Física, com a participação do ciclista iratiense Márcio Razera.

Fonte: Relatório do curso Cultura do Ciclismo e Educação Física (UNICENTRO, 2019).

O terceiro encontro abordou duas temáticas: 1) "Ciclismo e Gênero" e; 2) "Ciclismo e Mobilidade Urbana". A primeira delas se deu com base no texto "A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX", de autoria de Victor Andrade Melo e André Schetino (MELO; SCHETINO, 2009). Foram discutidos elementos históricos que colocam o uso da bicicleta entre os objetos das lutas feministas e como esse equipamento contribuiu para a emancipação feminina, por facilitar seu deslocamento. Apresentamos também dados referentes à participação de mulheres em competições de ciclismo, bem como o relatório elaborado pela Associação de Ciclistas Urbanos de São Paulo, sobre os desafios enfrentados pelas mulheres (CICLOCIDADE, 2016). Esses dados evidenciaram que permanecem barreiras sexistas em relação ao uso da bicicleta pelas mulheres, seja como prática esportiva, lazer ou mobilidade.

Para a discussão da segunda temática, Ciclismo e Mobilidade Urbana, utilizamos

como referência a dissertação de mestrado intitulada “Corpos em trânsito: o uso da bicicleta como meio de locomoção entre trabalhadores da cidade de Irati, PR”, de autoria de Carla Vanessa Pacheco, junto ao Guia de Bolso “O ciclista e o Código de Trânsito brasileiro”, elaborado pelo DETRAN/PR (PINTO, 2017). Neste momento discutimos os desafios do deslocamento com o uso da bicicleta, que se concentram na estrutura precária das cidades, nas intempéries e, principalmente, numa cultura de transito que contradiz os imperativos de proteção dos mais vulneráveis. Revelou-se a urgência de uma educação para ciclistas e motoristas com ênfase no respeito mútuo, na segurança e na proteção da vida.

Ao final do terceiro encontro, realizamos as orientações para o quarto encontro, que consistiu em uma Experiência Ciclística. Elaboramos um folder com as principais orientações para o passeio, como alimentação e hidratação adequadas, vestimentas e acessórios, manutenção e ajuste da bicicleta, conforme Figura 2. Foi também exposto um mapa com o trajeto a ser realizado.

Figura 2 – Folder de orientações para a experiência ciclística

Fonte: Relatório do curso Cultura do Ciclismo e Educação Física (UNICENTRO, 2019).

A experiência aconteceu em um sábado de manhã, com a participação de estudantes e professores do curso de Educação Física, e de praticantes de ciclismo da comunidade. Envolveu a organização dos equipamentos ciclísticos, a reunião dos participantes num parque da cidade de Irati, a socialização de informações relativas ao trajeto, a segurança, e às expectativas sobre a atividade. Foram percorridos 18 km dos quais 15 km foram de “estrada de chão”. A atividades teve como objetivo introduzir os participantes no ciclismo

de lazer.

Figura 3 – Fotos da experiência ciclística

Fonte: Relatório do curso Cultura do Ciclismo e Educação Física (UNICENTRO, 2019).

O encontro de encerramento teve como objetivo a análise e síntese do conteúdo desenvolvido no projeto. Em um primeiro momento, discutimos algumas questões relativas à mobilidade urbana, às leis de trânsito e aos espaços ocupados pelos ciclistas nas cidades. Em seguida, realizamos uma avaliação das atividades do curso. Os participantes relataram que o curso possibilitou compreender o ciclismo como um conteúdo de ensino da Educação Física e pensar em possibilidades de abordá-lo na escola. Além disso, despertou o interesse dos participantes para esta prática corporal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou relatar as experiências do curso de extensão Cultura do Ciclismo e Educação Física, no sentido de sistematizar e socializar conhecimentos que viabilizem o trato pedagógico do ciclismo nas aulas de Educação Física. Diante dos relatos dos participantes do projeto, podemos afirmar que os objetivos do curso foram atingidos. Este se afirmou como um importante espaço para a ampliação das experiências corporais e para a discussão sobre o ciclismo como conteúdo de ensino da Educação Física, contribuindo para a formação dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física

da UNICENTRO, campus Irati. O curso também ampliou o diálogo entre a universidade e a comunidade, ao aproximar uma prática social cotidiana da reflexão acadêmica.

Concluímos que ciclismo, como expressão da cultura corporal de movimento, deverá ser pensado como conteúdo a ser tematizado pela Educações Física, levando em consideração a legislação nacional para a Educação Básica, bem como os elementos articuladores propostos pelas Diretrizes Curriculares para o Ensino de Educação Física do Estado do Paraná, e outros que se fizerem necessários para a sua compreensão e contextualização crítica. A cultura ciclística precisa ser pensada a partir dos contextos diversos em que se faz o uso da bicicleta, seja atrelado ao lazer, ao esporte ou à mobilidade urbana. Como manifestação cultural, o ciclismo orienta-se por significados ligados a dimensões como: brincadeira, ludicidade, saúde, desempenho esportivo, mobilidade, transporte, cicloturismo, meio ambiente, mercado e consumo, entre outros.

REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J. Educação Física escolar: uma proposta a partir da síntese de duas abordagens. **Movimento**, 5(10): pp. 29-34, 1999.

BETTI, M. Cultura corporal e cultura esportiva. **Rev. paul. Educ. Fís**. ***São Paulo, 7(2):44-51, jul./dez. 1993***.

BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** – Educação é a Base. Brasília, DF: MEC, 2018a.

_______. Ministério da Educação**. Resolução CNE/CES nº 7**, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira […]. Brasília: MEC, 2018b. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808. Acesso em 07/08/2019

CICLOCIDADE. **Mobilidade por bicicleta e os desafios das mulheres de São Paulo**. Resultados iniciais: setembro de 2016. Disponível em: https://www.ciclocidade.org.br/download/pesquisa-mobilidade-por-bicicleta-e-os-desafios-das-mulheres-de-sao-paulo-dados-iniciais/. Acesso em: 03/22/2019.

CORREIA PINTO, M. **Aprender a pedalar no currículo escolar português**. Disponível em: https://www.publico.pt/2019/03/29/sociedade/noticia/aprender-pedalar-vai-parte-curriculo-escolar-1867220?fbclid=IwAR21uhVjXuvbEv_0NC0Zcw7UJD7072tfqhtbvdB089L6PEXzj7Q50ba2AGY. Acesso em: 05/05/2019.

DAOLIO, J. **Educação F**ísica e o conceito de cultura. Campinas: Autores Associados, 2004.

_______. **Da cultura do corpo.** Campinas: Ed. Papirus, 1995.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELO, V. A.; SCHETINO, A. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril, 2009.

PACHECO, C. V. **Corpos em trânsito:** o uso da bicicleta como meio de locomoção entre trabalhadores da cidade de Irati, PR. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Comunitário) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2015.

PACHECO, C. V.; VELOZO, E. L. A bicicleta e o ciclismo na literatura científica brasileira e suas relações com a educação do corpo. **Espacios** (Caracas), v. 38, p. 16-26, 2017.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares para a Educação Básica do Estado do Paraná** – Educação Física. Curitiba, PR: SEED, 2008.

_______. **Referencial Curricular do Paraná**: princípios, direitos e orientações. Curitiba, PR: SEED, 2018.

PINTO, C. **O Ciclista e o Código de Trânsito brasileiro**: direitos e deveres. Cartilha. DETRAN-PR, 2017.

SCHETINO, A. **Pedalando na modernidade:** a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

SOARES, C. L.; ET AL. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. Campinas, SP: Autores Associados, 1992.

UNICENTRO. **Cultura do Ciclismo e Educação Física** – relatório final. Irati, PR: UNICENTRO, 2019.

VELOZO, E. L. Ciclismo e cultura: anotações sobre os usos da bicicleta. In: V Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte, 2010, Itajaí. **Anais...**, 2010.

WERLANG, H. V.; BIANCHINI, C. R. N. Ciclismo nas aulas de Educação Física de alunos do 4º ano do ensino fundamental. **Lecturas: Educación** Física y Deportes, Revista Digital, Buenos Aires, Año 19, Nº 193, Junio de 2014.

WERLANG, H. V. PEDROZO, S. C. Ciclismo nas aulas de Educação Física: uma estratégia para incentivar a prática de atividade física entre os alunos do 8º ano do ensino fundamental. **Lecturas: Educación** Física y Deportes, Revista Digital, Buenos Aires, Año 18, Nº 188, Enero de 2014

CAPÍTULO 5

PRÁTICAS CORPORAIS NOS CLUBES SOCIAIS NEGROS: DAS MEMÓRIAS AOS SABERES DA POPULAÇÃO NEGRA

Data de submissão: 20/05/2023　　*Data de aceite: 04/07/2023*

Catarina Messias Alves
Universidade Estadual de Maringá
Maringá – Paraná
http://lattes.cnpq.br/5741432458787564

Delton Aparecido Felipe
Universidade Estadual de Maringá
Maringá – Paraná
http://lattes.cnpq.br/1673979833356158

RESUMO: Os clubes sociais negros carregam a história, resistência, persistência e re-existência da população afro-diaspórica no Brasil e apesar da diversidade de funções desses clubes na história, eles possuem em comum a luta pelo fortalecimento e valorização das identidades negras. Os clubes negros são lugares de memória, por serem ambientes de registros de acontecimentos históricos, de representações ancestrais e de ressignificações de existências. Este trabalho visa dialogar como os diferentes saberes e práticas corporais nos clubes sociais negros colaboraram com a construção de uma identidade positiva de homens e mulheres negras. Para atingir o nosso objetivo utilizamos como metodologia, a pesquisa como qualitativa, que visa identificar as produções científicas sobre uma determinada área em um espaço de tempo conforme argumenta Santos e Morosoni (2021). Para discutir os saberes corporais que manifestaram nos clubes negros por meio das diferentes práticas esportivas como de lazer, danças, expressões corporais e musicalidade nos baseamos nos estudos de Nora (1993); Silva (1997); Soares (2004); Escobar (2010). Mapeando as práticas corporais, encontramos os times de futebol, basquete, voleibol e em alguns casos natação, práticas de lazer como as festas da cerveja e piqueniques que promoviam as trocas de alimentos e afetos entre os associados; e nas práticas dançantes temos os bailes que por meio das expressões corporais fortaleciam e valorizavam os aspectos gestuais e a musicalidade ancestral. Concluímos que estas práticas corporais valorizavam a identidade negra, de modo a suscitar reflexões que fortaleceram a população negra a reestruturar sua luta, ocupando locais de protagonismo social, questionando as discriminações sofridas e ressignificando o silenciamento em enfrentamento.

PALAVRAS-CHAVE: Clubes Sociais Negros; Educação Física; Lugares de

Memória; Identidade Negra; Protagonismo.

BODILY PRACTICES IN BLACK SOCIAL CLUBS: FROM MEMORIES TO KNOWLEDGE OF THE BLACK POPULATION

ABSTRACT: Black social clubs carry the history, resistance, persistence and re-existence of the Afro-diasporic population in Brazil and despite the diversity of functions of these clubs in history, they have in common the struggle for strengthening and valuing black identities. Black clubs are places of memory, because they are environments of records of historical events, ancestral representations and re-significations of existences. This work aims to dialogue how different body knowledge and practices in black social clubs collaborated with the construction of a positive identity of black men and women. To achieve our goal we use as methodology, research as qualitative, which aims to identify scientific productions on a particular area in a space of time as argued by Santos and Morosoni (2021). To discuss the body knowledge that manifested in black clubs through different sports practices such as leisure, dances, body expressions and musicality we based on the studies of Nora (1993); Silva (1997); Soares (2004); Escobar (2010). Mapping bodily practices, we found soccer, basketball, volleyball and in some cases swimming teams, leisure practices such as beer parties and picnics that promoted exchanges of food and affects among members; and in the dance practices we have the balls that through the body expressions strengthened and valued the aspects and the ancestral musicality. We conclude that these corporal practices valued the black identity, in order to raise reflections that strengthened the black population to restructure their struggle, occupying places of social protagonism, discrimination and resignifying the silence in confrontation.
KEYWORDS: Black Social Clubs; Physical Education; Places of Memory ; Black Identity; Protagonism.

1 I INTRODUÇÃO

No Brasil estudar as temáticas das relações étnico-raciais, nos possibilita entender a organização social em diferentes tempos históricos e seus processos para identização enquanto nação. Os estudos desenvolvidos acerca do movimento negro brasileiro e seus protagonismos para resistência (DOMINGUES, 2003), evidencia-nos a estruturação do país nos pilares do racismo estrutural, que se enraíza nas instituições e nas ações individuais. A partir da invisibilidade emerge-se a união enquanto identidade negra para resistência racial perante a sociedade.

A pesquisa de Almeida (2019) direciona-nos a entender que a estrutura social se compõe de conflitos, expressando por meio destes o racismo, com seus privilégios e suas violências. Enquanto seres sociais que estruturam uma sociedade, os sentidos e significados das ações desempenhadas refletem os padrões, as regras e as condutas interseccionada pelas relações de poder. A ordem estrutural qual se estabeleceu a sociedade brasileira, exacerbou as desigualdades políticas, econômicas e jurídicas, de modo a se instaurar uma

normalização, por meio da hegemonia de grupos dominantes, resultando à intensificada depreciação a população negra e seus aspectos culturais.

Resistindo a opressões estabelecidas pela ordem estrutural, a dinâmica do combate ao racismo, materializada no movimento negro, apresenta-nos a amplitude enquanto organização social. De acordo com Santos (1985), esta união dos negros em movimento constitui-se como ato político, educador, emancipatório, cultural e reivindicativo. O autor descreve movimento negro como

> [...] todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo (aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à auto-defesa física e cultural do negro), fundadas e promovidas por pretos e negros. (Utilizo preto, neste contexto, como aquele que é percebido pelo outro; e negro como aquele que se percebe a si). Entidades religiosas (como terreiros de candomblé, por exemplo), assistenciais (como as confrarias coloniais), recreativas (como "clubes de negros"), artísticas (como o Grupo de Dança Afro Olorum Baba Mi), culturais (como diversos "centros de pesquisa") e políticas (como o MNU); e ações de mobilização-política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e "folclóricos" - toda esta complexa dinâmica, ostensiva ou invisível, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro (SANTOS, 1985,s/p).

Infere-se que a presença do movimento negro marca-se historicamente ao longo da história brasileira. Antes ou depois da abolição, em 1888, como consta nos livros de história, a população negra, ao chegar no Brasil como escravizada, de modo recorrente teve que criar estratégias para sobreviver. As expressões de luta e resistência se apresentavam de diferentes formas e em diferentes lugares, desde manifestações no próprio engenho, aos atos em organizações externas, como os clubes sociais negros. Corroborando, Gomes (2019, p. 24) acrescenta que nas diferentes organizações, os negros em movimento lutam pela não romantização no trato das relações étnico raciais, e buscam "reconhecer os vínculos históricos, políticos e culturais dessa relação, compreendo-a como integrante da complexa diáspora africana".

Reconhecer as diferentes entidades fundadas e promovidas pela população negra, direciona-nos a conhecer sua ancestralidade, sua cultura, sua identidade, constituindo estes espaços enquanto lugar de memória. Refletir sobre os lugares de memória da população negra, propicia-nos compreender os processos de valorização e fortalecimento da identidade negra, evidenciando a resistência, persistência, re-existência da população afro-diaspórica no Brasil. Segundo Nora (1993) lugar de memória são espaços que expressam a história de um povo, e no contexto dos clubes sociais negros as ações culturais, políticas e econômicas orientaram à constituição identitária étnico racial, de modo a retirar da invisibilidade estes sujeitos e revigorar a luta para o estabelecimento de direitos sociais.

A reafirmação dos saberes ancestrais, resistência e re-existência nos lugares de memória, faz emergir a identização da população negra, que se constitui a partir da

percepção dos sujeitos do mesmo grupo étnico racial sobre si mesmo e sua relação com o outro (GOMES, 2002). O pertencimento das relações humanas estabelecidas nesses espaços fortalece e valoriza a etnicidade, de modo a ressignificar as existências e as práticas culturais da população negra. Relacionado aos clubes sociais negros, as práticas dos negros em movimento expressam a desarticulação dos impedimentos de acesso a lugares e a invisibilidade enquanto ser social. Os espaços de lazer e os clubes constituíam-se de pertencimento, afeto, resistência e uma estratégia de sobrevivência.

Os clubes sociais negros, enquanto espaço de existência e resistência da população negra, antecedem a abolição da escravatura, em 1888, perpassando o século XX e adentrando o século XXI. No decorrer da história os clubes sociais negros, promoveram o incentivo à socialização de seus associados/as por meio de atividades recreativas, culturais, beneficentes e esportivas; ajuda econômica à população negra, que, em muitos momentos, esteve a marginalização pelo Estado. Como argumenta Escobar (2010), os clubes se empenhavam em apoiar as famílias negras nos casos de enfermidades ou morte, o que colaborava para que os associados vissem" naquele espaço um lugar de segurança e de defesa de direitos e nele buscavam 'socorro' quando mais precisavam" (ESCOBAR, 2010, p. 60).

As atividades de apoio à população negra desenvolvidas pelos clubes negros demonstraram significativa contribuição para movimento negro. Com base nessas atividades, a Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros, criada em 2008, em Santa Maria no Rio Grande do Sul, afirma que os clubes negros podem ser compreendidos como

> [...] espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio. (Ata da Reunião da Comissão Nacional de 29 de fevereiro de 2008, apud ESCOBAR, 2010, p. 62).

Compreendendo a importância dos clubes sociais negros, enquanto lugares de memórias saberes e práticas corporais surge-nos a seguinte indagação: de que maneira as práticas corporais vivenciadas nos clubes sociais negros valorizaram e fortificaram a identidade da população negra nos diferentes tempos históricos? Como percurso para solucionar esta indagação estabeleceu-se como objetivo dialogar como os diferentes saberes e práticas corporais nos clubes sociais negros colaboraram para construção da identidade negra. Optou-se para atender a tal objetivo realizar uma pesquisa qualitativa, do tipo estado do conhecimento (KOHLS-SANTOS; MOROSONI, 2021).

2 I PRÁTICAS CORPORAIS NOS CLUBES SOCIAIS NEGROS

O entendimento acerca das práticas corporais compreende-as como manifestações culturais que possibilitam condições para a ampliação do número de praticantes decorrente a sua condição atrativa, assim como sua riqueza cultural (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA,

2017). Agregando desta maneira sentido e significado à construção da formação integral, facilitando o vínculo dos participantes com os processos educativos formais. Em outros termos, práticas corporais refere-se à educação física e áreas afins que a compõe, tais como: esportes, danças, jogos, brinquedos e brincadeiras, lutas, expressões corporais, ginásticas, práticas corporais de lazer e aventura. Dialogar sobre essas práticas, direciona-nos as ações sociais e culturais, de modo a emergir a formação da identidade negras como combatente as reproduções das desigualdades na sociedade.

Abordar as práticas corporais em lugares de memória que caracterizam o movimento negro, neste estudo os clubes sociais negros, apresenta-nos a ressignificação para práticas corporais da população negra, decorrente as vivências anteriormente invisibilizadas nos clubes hegemônicos, para pessoas brancas, que reforçavam os estereótipos sociais. Enquanto organização étnico racial, os clubes promoviam ações de sociabilidade que valorizavam e fortaleciam a identidade negra, para que se instaurasse a visibilidade e o pertencimento nas relações humanas naquele ambiente estabelecido. Dos corpos negros em movimento se expressam os lugares de fala e as mudanças efetivas na sociedade, como expressão de luta para o cessamento das reproduções das desigualdades.

Os clubes sociais negros a serem salientados neste estudo localizavam-se na cidade de São Paulo, e o conhecimento de suas existências foram possíveis por meio da pesquisa de Silva (1997). As práticas apresentadas ao diálogo foram experienciadas nas associações: Clube Negro de Cultura Social; Clube KWY, Evoluídos; Associação Nacional Instrutiva "José do Patrocínio"; Associação Cultural do negro; Clube Coimbra e o Clube 220. Em decorrência da época que se fundaram não encontrou-se as datas de fundação das associações Evoluídos, Clube Coimbra e Clube 220. Ainda que possuíssem nomes diferentes, os clubes tinham em comum o fortalecimento e a valorização da identidade negra, por meio do processo de sociabilidade e pertencimento.

Em 1932, o Clube Negro de Cultura Social fundou-se. Tinha como fundadores os negros e negras que não se identificavam com a Frente Negra. No clube destacava-se a preocupação com os aspectos culturais, o incentivo à leitura de Cruz e Souza e, com isso, destaca-se um apontamento de Silva (1997, p. 109) sobre a "consciência de si e de seus iguais", somada à identidade negra que emergia a partir das leituras de poesia. Juntamente à literatura, o clube também promovia esportes, de maneira que não deixasse de relacionar com os outros aspectos culturais, pois, com isso, satisfazia os gostos de todos os seus associados. Conforme entrevista dada à Silva (1997, p. 110) Sr. Arnaldo menciona "[...] O falecido Barbosa, ele ficou empolgado de ver uma pessoa de cor, que era muito difícil. jogando bola ao cesto [...] naquele tempo, o Clube tinha seção esportiva, bola ao cesto, tênis de mesa, atletismo [...]".

As práticas esportivas e culturais desenvolvidas no clube não se desvinculavam da política, era presente a participação às reinvindicações do movimento negro. Nas práticas corporais, enquadravam-se os esportes, podendo compreender o pertencimento que os

associados sentiam naquele ambiente, pois o lócus possibilitava uma vivência que, fora dos muros do clube, eram negados. Dessa maneira, Dona Pedrina comenta,

> [...] Eu tinha 14 anos quando praticava basquete, eu sempre gostei. Ali no Clube Negro era basquete, ping pong, fazia atletismo e o Clube fazia parte da S. Silvestre. Eu e meu marido corríamos. Assim o Clube foi indo, naquele tempo o negro já fazia por si. Eles faziam aquela parte, era assim: O pessoal ia procurar emprego, iam num restaurante, o pessoal brecava, não podia entrar porque era negro. **Então o clube foi se fechando em torno do pessoal, entre os negros mesmo** (SILVA, 1997, p. 112, grifo nosso).

De acordo com Silva (1997, p.113), uma das atividades recorrentes eram os piqueniques. O piquenique possuía uma significância maior que as trocas de alimentos, era "uma alternativa para o convívio social já que lá fora havia interdição, principalmente em restaurantes para o negro [...] é um evento especial porque ao trocar o alimento, troca-se afeto também". Das práticas corporais, evidenciava-se as danças. Nesse momento de sociabilidade, há o destaque para as músicas, instrumentos e danças. Essa relação de troca possibilita ao corpo negro, que passa na sociedade por diversas repressões resultantes do racismo estrutural, encontrar o seu momento de expressão corporal. Evidenciando que, a partir das danças, essas relações sociais poderiam se conectar ainda mais, reforçando o sentimento de pertencimento e representatividade.

Três anos após a criação do Clube Negro de Cultura Social, em 1935, temos a fundação do Clube KWY, a partir da reunião de cinquenta homens. Segundo Silva (1997), os seus entrevistados não souberam explicar a origem e o significa do nome. O clube se originou na Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, tendo como finalidade a organização de bailes mensais. KWY não possuía uma sede social, suas reuniões eram realizadas nas casas dos seus integrantes fundadores e, para o momento dos bailes, eram alugados salões na cidade.

Na lembrança das vivencias do baile destaca-se o caráter familiar do ambiente e o rigor para a entrada de novos sócios. Esses elementos tornam-se importantes, pois, a partir dessas concepções, entende-se a funcionalidade do clube e, principalmente, quais eram os preceitos que se evidenciavam entre os associados. Os clubes negros tinham uma preocupação com quem frequentava os bailes, pois, devido às discriminações sociais na sociedade, esses eram um dos poucos ambientes e momentos em que podiam participar. Evidenciamos o rigor estabelecido pelos fundadores do KWY, no baile e no piquenique, para aceitar novos sócios e preservar suas imagens por meio do relato do senhor Armando no estudo de Silva (1997)

> [...] Para alguém dançar no KWY, tinha que ser apresentado por um sócio. Se não fosse apresentado, não podia. Eu lembro de uma vez 30 um sujeito apresentou lá um mulatão. Era um cara que tinha muito dinheiro. Ele fazia seus negócios de roubo. E foi convidado e apresentado. Chegou lá, ele pegou uma mesa e mandou encher de cerveja. O diretor quando viu o garçom pôr as cervejas na mesa ele disse: - Olha me desculpe. O Sr. Pode tomar a

> cerveja que tiver aqui, mas não precisa ser de uma vez só, né? O Sr. pode ir pedindo tal. E o diretor ficou conversando com ele para saber quem o tinha convidado, o responsável por ele. Chamou a pessoa e disse: - Olha, senhor não apresenta mais esse elemento aqui, ele não pode vir novamente não. Ah! Mai ele tem dinheiro. O diretor disse: - Não interessa que ele tem dinheiro, o que está interessando aqui são as famílias que estão aqui, o convívio e o ambiente aqui (p. 117).

Eram sempre as mesmas pessoas que iam. No KWY não tinha muita gente. Tinha de 50, 60 até 100 pessoas. E engraçado nos piqueniques quem ficava ruim não eram os que bebiam muito, mas eram os que comiam alguma coisa que fazia mal. O problema não era a bebida, entendeu? Mas era o respeito também. O Natalino que sempre bebia muito e desmaiava ou dormia mesmo! Nunca falavam – Fulano está bêbado. Não! Fulano tá se sentindo mal! (p. 118).

A partir dos relatos, a autora nos recapitula que, exterior aos momentos vivenciados no clube, o negro tinha como estereótipo ser considerado bêbado. Com isso, dentro desse ambiente os fundadores e os demais associados asseguravam para que não fossem reforçados as discriminações e os estereótipos que, de maneira estrutural, a sociedade os lembrava cotidianamente. Para isso, as normas rígidas.

O próximo clube a ser apresentado de maneira breve, por possuir as mesmas características do KWY, é o clube Evoluídos, que também se originou na Irmandade e realizava bailes mensais, frequentado pelas famílias. Assim como o KWY, possuía uma rigorosidade para o ingresso de novos associados. Por ter os bailes como atividade principal, as danças novamente se destacam às práticas corporais. Segundo Silva (1997), as associações negras desapareceram durante o Estado Novo, de 1937 a 1945. Nos acrescenta ainda que

> [...] durante a instalação do Estado Novo havia um rigoroso controle das atividades sociais no meio negro. Era preciso informar toda e qualquer reunião aos órgãos competentes. Os agentes de polícia compareceriam às reuniões, e em seguida escreviam relatórios detalhados do acontecimento, relatando nomes, cargos e seus discursos (SILVA, 1997, p. 128).

Os movimentos ressurgem em 1945 e, nesse ano, temos a Associação dos Negros Brasileiros ou “centro de irradiação do pensamento e de ação social unificadora do negro brasileiro”, como se autodefine (SILVA, 1997, p. 129). A autora ainda nos aponta que essa associação se organizou a partir da união dos líderes: Sr. Correia Leite e Sr. Raul Joviano do Amaral, personalidades importantes dos movimentos anteriores ao Estado Novo. A Associação dos Negros Brasileiros possuía departamentos para auxiliar nas suas atividades, eram eles: infantil, social, artístico, divulgação, ensino e cultura, esporte, feminino e assistência social. Eles estimavam alcançar muitos sócios, porém essa estimativa não foi alcançada o e clube fechou em 1948.

Naquele mesmo ano surgiu a Associação Nacional Instrutiva “José do Patrocínio”,

que tinha como objetivo principal a educação dos negros. Pensando nessa atividade, os fundadores criaram cursos profissionalizantes para que atendessem seu objetivo e, consequentemente, seus associados. Junto das ações educacionais o clube promoveu bailes e já destacamos as danças como prática corporal desenvolvida, festas e piqueniques. De acordo com a autora supracitada, "as festas eram para realçar a beleza negra" e isso ocorria por meio dos concursos, uma prática comum nos clubes negros. A Associação José do Patrocínio teve uma duração de 11 anos.

Em 1954, os antigos associados do Clube Negro de Cultura Social se reuniram e fundaram a Associação Cultural do Negro, cujo objetivo era valorizar e dar visibilidade ao negro, por meio da cultura. Não possuíam sede própria, funcionava no Prédio Martinelli. Ainda que sua sede fosse alugada, a organização era positiva, se dividindo em departamentos para melhor administração: esportes, cultura e social, cada departamento possuía uma direção. A Associação Cultural do Negro, devido à sua boa organização e a promoção dos bailes, jogos, sessões litero-musicais, concertos, canto orfeônico, palestras, campeonatos e jogos pelo interior do Estado, cursos de matemática e português, 32 passou a ser uma referência, como os demais clubes, em diferentes períodos, na vida pessoal e social dos negros.

Recebeu um destaque para a vida do negro em São Paulo, pois "ao promover esses cursos levava, a diante a ideia de que as associações poderiam ser ao mesmo tempo recreativas, formativas e principalmente promotoras de solidariedade" e com isso fortalecia a construção da identidade negra individual e coletiva. Dentro dos relatos compartilhados na Associação os fundadores junto dos associados, percebeu-se a importância das denúncias para que os negros fossem aceitos nos mais diversos espaços. Iam aos órgãos de comunicação e denunciavam. Tiveram como resposta a uma das denúncias feitas a aceitação do negro no Palmeiras, Corinthians e no Mappin.

Importante vivência que contribuiu para construção da identidade negra foram os bailes promovidos, nos fazendo voltar para a representação das práticas corporais no contexto da dança. No entanto, não se pode deixar de pontuar que a Associação Cultural do Negro tinha como intensa atividade o esporte. Segundo Silva (1997), eles tinham uma grande quantidade de jogadores profissionais que representavam o clube sem cobrar cachê, apenas jogavam na associação. Ainda que tenhamos esse contexto de jogadores profissionais, devemos considerar a importância dos esportes, principalmente o futebol, dentro dos ambientes dos clubes negros. Uma vez que sua prática na sociedade, fora dos clubes negros, não era permitida aos negros, então, quando essa prática conseguia ser vivenciada, tendo como protagonistas os negros, encontramos o posicionamento político dentro das práticas corporais contra o racismo estrutural.

Para Silva (1997), afirma que, a Associação esteja ligada ao esporte, sua prática não se aliena, ao contrário: compartilha das discussões mais gerais do racismo. E isso se confirma por uma entrevista do trabalho com o senhor Armando. Infelizmente, devido

a problemas nas questões financeiras da Associação, suas atividades duraram até 1968. E, de acordo com a autora, as possíveis causas do fechamento são: "a crise financeira, ausência de lideranças e o cenário político da década de 60" (SILVA, 1997, p. 141).

> [...] aí me chamaram – Vem cá. O Sr. não jogou aqui contra os Gloriosos da Consolação? Eu disse: - Joguei. Não era aquele clube de pessoas escuras? Eu disse: **Não são escuros! Não existe nem mulatos, nem escuros. É negro. Negro é negro e branco é branco** (SILVA, 1997, p. 141, grifo nosso).

Na década de 60, os Clubes Coimbra e 220. O clube Coimbra ficava localizado na avenida São João, tinha uma característica de ser frequentado por pessoas populares, trabalhadores, com destaque para as domesticas. Ressalva para o apontamento que "o espaço do clube era utilizado todas as noites, porque as empregadas iam até a sede para assistir televisão" (SILVA, 1997, p.144). O clube ganhou visibilidade entre os negros por promover jogos de futebol, basquete, jogos de capoeira e os bailes aos finais de semana. A construção da identidade negra e a sociabilidade se faziam presentes constantemente no Clube Coimbra.

O Clube 220, que ficou bastante conhecido por promover eventos importante e populares. O clube tinha como sede o Edifício Martinelli, um andar acima da Associação Cultural dos Negro. Era frequentado por funcionários públicos e operários qualificados como mecânicos, torneiros, ajustadores, pequenos comerciantes entre outros. Suas atividades de destaque estavam em torno da promoção de jogos de futebol, basquete, cursos de corte e costura, bailes e concursos de beleza negra. Os bailes promovidos pelo Clube 220 proporcionavam uma interação entre a população negra, que fortalecia suas identidades e os possibilitava enquanto negros que se conectam em movimento um ambiente de pertencimento.

Os bailes como um momento de reflexão que propicia à corporeidade negra criar laços de amizade e relações de reconhecimento de si no outro, nesse processo se ressignifica elementos culturais invisibilizados por remeter a ancestralidade negra. No ano de 1962, o Clube 220 organizou o concurso "Bonequinha de Café", que elegia e coroava a negra paulistana mais bonita Félix (2000). A coroação e demais solenidades ocorriam sempre no dia 13 de maio, em comemoração à abolição da escravatura. De acordo com Silva (1997), eram feitas no pátio da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos, em frente ao monumento à Mãe Preta.

A partir da contextualização dos clubes sociais negros da cidade de São Paulo, visualizou-se e caracterizou-se as principais atividades protagonizadas pela população negra. Os negros em movimentos valorizam suas identidades e criam ambientes de pertencimentos e sociabilidade nos clubes. As práticas corporais para população negra se complementam e criam ambientes de pertencimentos, que conduzem a população negra a lutar por lugares de fala e mudanças efetivas na sociedade, cessando, assim, a reprodução das desigualdades.

3 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os clubes sociais negros enquanto lugares de memória, demarcaram uma mudança social significativa, por meio de suas práticas corporais, retirando da invisibilidade a etnicidade dos sujeitos afro-diaspóricos no Brasil. Buscar compreender de que maneira as práticas corporais vivenciadas nos clubes sociais negros valorizaram e fortificaram a identidade da população negra nos diferentes tempos históricos, possibilita-nos aprender que em uma sociedade fundante no racismo estrutural, a resistência e a re-existência intersecciona-se as memórias simbólicas de diferentes espaços promove o pertencimento enquanto grupo étnico.

Os diálogos apresentados das diferentes práticas corporais das associações evidenciaram que para além da possibilidade de frequentar espaços de lazer, relaciona-se as trocas de afetos, acolhimento, de modo a constituir, valorizar e fortalecer a identidade negra. Os sentidos e significados dos saberes possibilitaram aos corpos negros movimentos que ressignificaram as estratégias de sobrevivência e a visibilidade nas relações sociais estabelecidas.

Este estudo não visa esgotar as discussões sobre clubes sociais negros e as práticas corporais, mas demonstrar como estes espaços foram fundamentais para o fortalecimento da identidade negra de seus participantes, além de mostrar que diversas práticas corporais, sendo esportivas ou de lazer, foram utilizadas como estratégias de unificar os negros e negras que frequentavam estes espaços.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro e educação, alguns subsídios históricos.** Estudos africanos, história e cultura afro-brasileira: olhares sobre a Lei, v. 10, n. 03, p. 25-40, 2003.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros**: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. 2010. 221 f. Dissertação (Mestrado em História e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

FÉLIX, João Batista de Jesus. **Chic Show e Zimbabwe e a Construção da Identidade nos Bailes Black Paulistanos**. 2000. 202 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GOMES, Nilma. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. 2002. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. São Paulo: Editora Vozes, 2019.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, AMAURI APARECIDO BÁSSOLI de (Orgs.). **Esportes de invasão**: basquetebol-futebolfutsal-handebol-ultimate frisbee. Maringá: Eduem, 2017.

KOHLS-SANTOS, Pricila; MOROSINI, Marília Costa. **O revisitar da metodologia do Estado do Conhecimento para alem de uma Revisão Bibliográfica**. Revista Panorâmica online, v. 33, 2021.

NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O movimento negro e a crise brasileira**. Política e administração, v. 2, n. 2, p. 287-307, 1990.

SILVA, Maria Aparecida Pinto. **VISIBILIDADE E RESPEITABILIDADE MEMÓRIA E LUTA DOS NEGROS NAS ASSOCIAÇÕES CULTURAIS E RECREATIVAS DE SÃO PAULO (1930-1968)**. 1997. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

CAPÍTULO 6

A INFLUÊNCIA DA GINÁSTICA LABORAL NA QUALIDADE DE VIDA DO TRABALHADOR

Data de aceite: 04/07/2023

Leonardo Dina da Silva
Faculdade Inspirar Teresina

Emanuelle Paiva de Vasconcelos Dantas
Doutoranda em Engenharia Biomédica Universidade Brasil/SP

Laylla Mickaelle de Sousa Ferreira
Centro Universitário UNINASSAU

Francisco Bruno da Silva Araujo
Centro Universitário UNINASSAU

Cirlene De Almeida Carvalho
Centro Universitário UNINASSAU

Haylla Mayra Rodrigues da Silva
Centro Universitário UNINASSAU

Suzana Rafaela de Sousa Costa
Centro Universitário UNINASSAU

Jonho Weslly Lima Antunes
Centro Universitário UNINASSAU

Antônia Dulce Batista da Silva Santos
Centro Universitário UNINASSAU

Ana Célia da Silva Araujo Candido
Centro de Ensino Unificado de Teresina - Ceut

Tarcísio Queiroz Rocha
Faculdade Venda Nova do Imigrante – Faveni

Márcia Damasceno Cavalcante
Centro Universitário de Saude – UNINOVAFAPI

Jeymyson Nayron Rodrigues da Silva
Universidade Paulista - UNIP

RESUMO: INTRODUÇÃO: A Ginástica Laboral é uma modalidade de atividade física, planejada e desenvolvida dentro do ambiente de trabalho. A ginástica laboral pode apresentar benefícios que contribuem para melhora do condicionamento físico do corpo, pois este oferecerá benefícios à saúde física e psicossocial do empregado, trazendo melhor rendimento nas suas atividades diárias e diminuição do número de afastamentos de funcionários por licença médica. **OBJETIVO**: O presente estudo teve como principal objetivo avaliar a influência da ginástica laboral na qualidade de vida do trabalhador. **METODOLOGIA:** Consistiu em uma pesquisa bibliográfica, sistemática, de caráter descritivo com abordagem qualitativa, onde a amostra foi composta por sete artigos pesquisados na base de dados do Scielo,Medline e Lilacs, considerando

o recorte de tempo de 2000 a 2015. **RESULTADOS:** Os resultados mostraram que a ginástica laboral possibilita uma resposta positiva no ambiente laboral, beneficiando tanto a empresa quanto os colaboradores, abrangendo os aspectos físicos, psicológicos, sociais e organizacionais. A empresa que oferece ginástica laboral reduz ausência do trabalhador por motivos de doenças ocupacionais, melhoram a motivação e a produtividade. **CONCLUSÃO**: Considerando esses aspectos, conclui-se que a ginástica laboral é uma forma potencial de intervenção para minimizar e até evitar problemas de saúde no ambiente laboral, tendo o profissional de educação física um elemento fundamental na aplicação da ginástica laboral.
PALAVRAS-CHAVE: Ginástica laboral. Qualidade de Vida. Trabalhador.

ABSTRACT: INTRODUCTION: Labor Gymnastics is a modality of physical activity, planned and developed within the work environment. Occupational gymnastics can present benefits that contribute to the improvement of the physical fitness of the body, as this will offer benefits to the physical and psychosocial health of the employee, bringing better performance in their daily activities and reducing the number of employee leaves due to sick leave. **OBJECTIVE:** The present study aimed to evaluate the influence of gymnastics at work on the quality of life of workers. **METHODOLOGY**: It consisted of a bibliographic, systematic, descriptive research with a qualitative approach, where the sample was composed of seven articles researched in the Scielo, Medline and Lilacs database, considering the time frame from 2000 to 2015. **RESULTS:** results showed that gymnastics at work allows a positive response in the work environment, benefiting both the company and the employees, covering the physical, psychological, social and organizational aspects. The company that offers workplace gymnastics reduces the absence of workers due to occupational diseases, improves motivation and productivity. **CONCLUSION**: Considering these aspects, it is concluded that gymnastics at work is a potential form of intervention to minimize and even avoid health problems in the work environment, with the professional of physical education a fundamental element in the application of gymnastics.
KEYWORDS: Gymnastics at work. Quality of life. Worker.

1 | INTRODUÇÃO

Os primeiros indícios da execução da ginástica no trabalho, foi datado em 1925 onde aconteceu na Polônia e em outros países da Europa, sendo chamada de Ginástica da Pausa. No mesmo tempo foram aplicados no Japão sendo conhecida como Taissô, já no Brasil essa atividade principiou no final da década de 60, sendo apresentada pelos japoneses, mas só teve foco em 1985, onde teve o nome mudado para ginástica laboral (GL), trazendo progresso para os trabalhadores, juntamente com o estudo das medidas e dimensões das diversas parte do corpo e o estudo científico das relações entre homem e máquina, visando a uma segurança e eficiência ideais no modo como um e outra interagem (MOREIRA; CIRELLI; SANTOS, 2005; NEVES et al. 2018).

A GL consiste em um programa de treinamento corporal, exercido no emprego, com a intenção de treinar os trabalhadores para melhorar o dia a dia trabalhista, com um

programa de relaxamento, alongamento e fortalecimento de toda estrutura física, sendo acompanhada por um profissional capacitado, como o educador físico e o fisioterapeuta, fazendo com que o paciente tenha bastante melhora com os sintomas causados por conta de alguns distúrbios decorrentes do trabalho (CORRÊA et al, 2017).

O expediente do trabalho pode provocar consequências físicas e mentais na vida do funcionário, pois o contratante na maioria das vezes impõe ao trabalhador esforços supremos, fazendo com que o contratado se dedique o máximo ao serviço e não dê a importância necessária para sua saúde, ocasionando acidentes, doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho (DORT) ou lesões por esforços repetitivos (LER) (CARDOSO; MORGADO, 2019).

Os DORT/LER são doenças crônicas que ocorrem por repetitividade de movimentos do corpo, estresses, traumas ou más posturas decorrentes do trabalho, causando lesões em tendões, articulações e músculos, abrangendo membros superiores, pescoço, ombro e membros inferiores, resultando fadiga, dor, incômodo físico, formigamento, reduz a produção, perda funcional e desgaste psicológico (SHIN; PARK, 2017).

Muitos estabelecimentos empregaram a Ginástica Laboral (GL), com a intenção de reduzir os danos causados no decorrer do expediente, pois repercutem inquestionavelmente melhorias, não só trabalhistas, como no aumento do conhecimento físico e qualidade de vida (CANDOTT; STROSCHEIN; NOLL, 2011). A GL é a atividade física destinada a funcionários no horário de trabalho, que tem como benefício à melhora da saúde do trabalhador, previne doenças ocupacionais, melhora o desempenho da equipe, aprimora os distúrbios físicos e emocionais e reduz o incômodo e dor. Para que isso ocorra de forma correta, é preciso que a execução seja feita por um especialista competente (LAUX et al., 2016).

Para Cañete (2016) a Ginástica Laboral pode ser classificada em 3 tipos: preparatória, compensatória e relaxante. A GL reparatória é realizada antes do início da jornada de trabalho, ela é constituída de exercícios de aquecimento e/ou alongamento para determinadas estruturas corporais exigidas no trabalho a fim de preparar o funcionário para sua atividade ocupacional. A GL compensatória é realizada no meio da jornada de trabalho, sendo realizados exercícios de compensação de posturas incorretas adotadas durante a jornada de trabalho e/ou movimentos repetitivos impostos pelas atividades realizadas pelos colaboradores.

E por fim, a GL relaxante é realizada após o expediente através de exercícios que aliviam o cansaço e tensão diária decorrente da jornada de trabalho. Sendo assim a Ginástica Laboral proporciona a esses funcionários uma melhora na qualidade de vida beneficiando a si mesmo e trazendo resultados satisfatórios à empresa. Estes malefícios provenientes da atividade laboral resultam no afastamento de grande percentual de trabalhadores de suas atividades, sendo a principal causa de indenizações de auxílio doença e a terceira causa de aposentadoria por invalidez (PASTRE et al. 2017).

Diferentemente do que ocorrem com doenças não ocupacionais, as doenças

relacionadas ao trabalho têm implicações legais que atingem a vida dos indivíduos. O seu reconhecimento é regido por normas e legislação, conforme a finalidade. A Portaria GM n. º 777 (BRASIL, 2004) do Ministério da Saúde, de 28 de abril de 2004, tornaram de notificação compulsória vários agravos relacionados ao trabalho (ULGUIM, 2017). Por meio desse programa, observa-se ocorrer uma melhora na qualidade de vida desses colaboradores tornando-os pessoas adepta à atividade física fora de seu ambiente de trabalho.

2 | OBJETIVOS

2.1 Geral

Avaliar a influência da ginástica laboral na qualidade de vida do trabalhador.

2.2 Específicos

- Investigar a eficácia da ginástica laboral na qualidade de vida.
- Verificar a qualidade de vida em trabalhadores que praticam ginástica laboral.

3 | METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma revisão sistemática, que segundo Galvão, Sawada e Trevizan (2014), relatam que este tipo de pesquisa é de grande importância, devido a sua construção ser fundamentada nas evidências, dos resultados de pesquisas referentes a um problema específico e que é consolidado na literatura.

A busca dos artigos para compor esta revisão ocorreu nas bases de dados SCIELO (ScientificElectronic Library Online), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), a partir da utilização dos descritores, em língua portuguesa e inglesa: Ginástica Laboral, Doenças ocupacionais, Saúde do trabalhador. A coleta de dados ocorreu entre os períodos de setembro 2020 a novembro de 2020, os quais foram adotados como critérios de inclusão: artigos publicados entre 2009 e 2019, apenas no idioma português e inglês, artigos disponibilizados na íntegra, com amostras compostas por trabalhadores e que permitissem responder a problemática da pesquisa, bem como os objetivos do trabalho.

Foram excluídos do estudo artigos de revisão sistemática, que utilizaram como amostra outro público que não fossem trabalhadores e que o conteúdo não proporcionou condições para o alcance dos objetivos propostos neste estudo.

Foram identificadas, inicialmente com o tema proposto, 40 publicações potencialmente elegíveis de autores que lidam com o tema proposto, para contribuir no

desenvolvimento da estrutura teórica do estudo, dessas 22 publicações apenas 7 foram selecionados ao final dos critérios de inclusão dos estudos originais, para descrição das evidências cientificas do trabalho que será realizado.

4 I RESULTADOS

Após a estratégia de busca foi encontrados um total de 40 artigos nas bases de dados selecionadas para a busca. Sendo 15 artigos na base de dados Lillacs, 15 artigos na base de dados Scielo e 10 artigos na base de dados MedLine. Após as buscas, foram selecionados 18 artigos para serem lidos na íntegra, dos quais 7 artigos contemplaram os critérios metodológicos estipulados para o desfecho pretendido (Figura 1), sendo estes apresentados no Quadro 1.
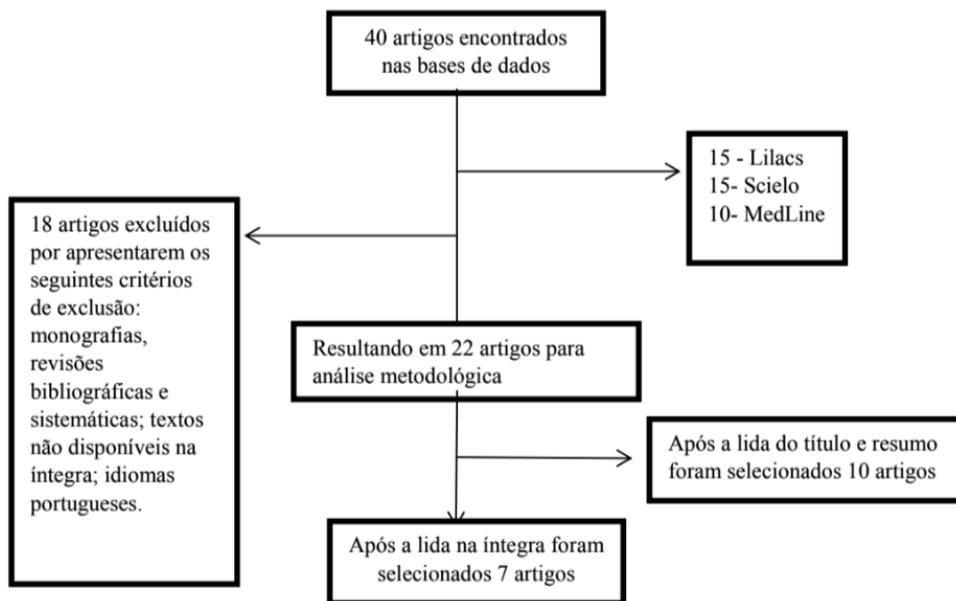
Figura 01 – Fluxograma da estratégia de busca dos artigos

Após a leitura e fichamento para o recolhimento dos dados, foi selecionado todo o material de forma a facilitar a elaboração do conteúdo, contendo estes os dados de identificação do estudo: autores, ano, objetivo, tipos de estudos, amostra e resultados.

AUTOR/ANO	OBJETIVO	TIPO DE ESTUDO	RESULTADOS
ALVES, (2019)	Mostrar como a Ginástica Laboral contribui para a prevenção e melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores.	Exploratória com aplicação de questionário	Os exercícios em forma de Ginástica Laboral ativam a circulação periarticular com aquecimento tecidual e neuromuscular, que são imprescindíveis às atividades que exigem atenção e tomadas de decisão que resultam em atos motores, promovem ganho de força pelo alongamento muscular restaurando o potencial contrátil, melhorando o retorno venoso, a capacidade ventilatória, reduz o estresse e melhoram a postura.
MARTINS, (2012)	Verificar se a ginástica laboral contribui para a saúde dos trabalhadores e se existe diferença nos resultados quando esta é orientada diretamente pelos professores de educação física e facilitadores.	Pesquisa Descritiva	Após algumas aulas um grande número de funcionários procurou o professor de educação física para tirar dúvidas sobre os exercícios, e elogiar as aulas. E melhoraram o bem estar e aumentaram a prática de exercícios físicos fora do laboro.
MENDES e LEITE, (2013)	Manter a saúde dos colaboradores nas suas funções laborais através de exercícios físicos direcionados para determinada atividade profissional	Exploratória Com aplicação de questionário.	A Ginástica Laboral além de prevenir LER/DORT, ela tem apresentado resultados mais rápidos e diretos como a melhora do relacionamento interpessoal e o alivio das dores corporais.
LIMA (2013)	Verificar se a prática da ginástica laboral interferirá positivamente no desempenho dos funcionários administrativos dentro e fora do seu ambiente de trabalho.	Exploratória Com aplicação de questionário.	Os resultados corroboram que a ginástica laboral pode promover uma maior disposição e ânimo para o trabalho, a eficiência individual e coletiva, postura corporal dentre outros benefícios aumentando a disposição para as atividades laborais e fora delas.
BRITO el al, (2014)	Verificar a percepção dos trabalhadores sobre elasticidade e fatores relacionados a um estilo de vida fisicamente ativo e saudável após a aderência ao Programa de Ginástica Laboral	Exploratória Com aplicação de questionário.	O Programa de Ginástica Laboral foi positivo no estilo e qualidade de vida dos trabalhadores

COOLEY et al, (2014)	Testar a viabilidade de uma intervenção de saúde no local de trabalho com base em uma abordagem passiva para aumentar o movimento não voluntário como meio de reduzir o tempo sentado	Exploratória Com aplicação de questionário.	Funcionários expostos a uma abordagem passiva eram cinco vezes mais propensos a realizar movimentos não voluntário do que funcionários que praticavam ginástica laboral ativa.
ZAT, (2015)	Reunir os aspectos fundamentais na promoção de qualidade de vida do trabalhador	Exploratória Com aplicação de questionário.	Os benefícios físicos, psicológicos e sociais, proporcionados aos trabalhadores pela prática de Ginástica Laboral

Quadro 1: Categorização dos estudos selecionados para compor a pesquisa.

Fonte: Autor (2020).

Com base nos artigos estudados nesta pesquisa sobre a Ginástica Laboral destacam-se os seus vários benefícios, e o que ela pode prevenir e ou tratar. Dessa maneira, o funcionário que participar desta atividade física, poderá controlar os diversos distúrbios ocupacionais relacionados ao trabalho.

Cada vez mais o desgaste físico vem aumentando entre os trabalhadores, pelo mercado de trabalho mais produtivo e competitivo, ocasionando assim um ritmo mais intenso na maneira de trabalhar. Muitas vezes em condições inadequadas, repetindo movimentos, e sobrecarregando os esforços.

Mendes e Leite (2013) citam a relação direta que a ginástica laboral tem na prevenção das LER/DORT, que são as maiores causas de afastamento e absenteísmo nas empresas. Segundo Mendes e Leite (2013), entende-se LER/DORT é uma síndrome relacionada ao trabalho, e caracteriza-se pela ocorrência de vários sintomas, como dor, parestesia, sensação de peso, fadiga. Normalmente nos membros superiores, mas podendo surgir nos membros inferiores também.

Frequentemente causadas pela incapacidade laboral temporária ou permanente. São resultados da combinação da sobrecarga osteomuscular e a falta de tempo para buscar a sua recuperação. Portanto, Mendes e Leite (2013), tiveram como base da pesquisa a utilidade da ginástica laboral buscando manter a saúde dos colaboradores, através dos exercícios físicos praticados, e os resultados demonstraram mais rapidez, em relação ao relacionamento entre os funcionários e o alívio das dores no corpo, diminuindo o estresse e acumulo de acido láctico nos grupos musculares requisitados, através dos exercícios de alongamento e relaxamento.

De acordo com Zat (2015), as doenças ocupacionais relacionadas ao trabalho, atingem as pessoas com maior predisposição ao desenvolvimento dessas patologias, aquelas que atuam em cargos de chefia ou de grande responsabilidade, tendo maiores tensões e ritmos de trabalho mais acelerado, dispondo de pouco tempo de descanso.

Zat (2015) elaborou um quadro com os pontos principais contendo os benefícios, alguns deles são aspectos físicos: auxílio na prevenção das doenças ocupacionais, combate ao sedentarismo, melhora a consciência corporal. No aspecto psicológico: promove o bem-estar, melhora a autoestima. No aspecto social: promove a interação social, estimula a cooperação; entre outros.

Lima (2013) relatou a influência da ginástica laboral no desempenho dos funcionários dos setores administrativos, verificando a interferência da mesma, tendo como resultado, maior disposição, ânimo, melhor e maior eficiência tanto individual como do grupo, levando essas colaborações que a ginástica proporciona dentro e fora do trabalho. O trabalho utilizou a metodologia da pesquisa de campo, sendo realizado nos setores administrativos. Entre 51 funcionários apenas 20 tiveram interesse em participar: 60% homens e 40% mulheres. Tendo sessões da ginástica laboral no período de dois meses, à tarde, três vezes por semana, 15 minutos cada sessão.

Lima (2013), afirma que a ginástica laboral é uma forma de reconhecer e estimular a prática das atividades físicas, beneficiando a saúde e o desempenho profissional.

Para Alves (2019), os exercícios em forma de ginástica laboral ativam a melhoram o desempenho do trabalhador. Sendo assim, o autor utilizou a ginástica laboral como uma ferramenta para melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores. Demonstrando como ela pode contribuir para prevenir as doenças ocupacionais. Os resultados foram a melhora da circulação, fortalecimento da musculatura, redução do estresse, e a correção da postura.

Martins (2012) realizou uma pesquisa sobre a influência da ginástica laboral para a saúde dos trabalhadores, e a relação com os profissionais de educação física. A pesquisa verificou as contribuições que a ginástica laboral traz para a saúde do trabalhador, e relatou a importância da influência do profissional de educação física para esta atividade, resultando de maneira positiva a relação de aluno e professor.

Martins (2012) observou que a ginástica laboral quando orientada diretamente pelo profissional de educação física reduz com mais significância as dores, o desânimo, a falta de disposição, insônia, irritabilidade, e a promoção de uma qualidade de vida melhor. Os resultados demonstram que mais da metade dos funcionários orientados pelo professor de educação física tiveram mudanças nos hábitos, relacionados ao lazer, passando a caminhar e praticar esportes fora do trabalho.

Assim, constatou-se que empresas e funcionários onde não são orientadas por um professor de educação física, perdem ou deixam de ganhar benefícios a mais, e de forma mais correta.

Brito (2014), realizou uma pesquisa na qual avaliou a percepção da flexibilidade e os fatores que tem relação com um estilo de vida saudável nos trabalhadores que participaram da ginástica laboral. Onde os participantes relataram os benefícios gerados a eles, em relação as dores, disposição, flexibilidade, a relação interpessoal, resumindo tudo que desenvolveram, em qualidade de vida. A pesquisa de Brito 2012 demonstra que a ginástica

laboral como a prática de exercícios que melhora a autoestima, melhora o relacionamento entre os colegas de trabalho, e melhora a flexibilidade.

A pesquisa de Brito (2014) considera que a ginástica laboral é usada como uma medida para promover a qualidade de vida, a redução do estresse, trazendo beneficios como a pratica do exercício físico, a saúde do trabalhador, a ordem social, econômica e psicologica. Também, que trabalhadores que praticam a ginástica laboral mehoram em vários sentidos, como por exemplo, os sintomas da depressão, melhoras na autoestima, melhoras nas medidas corporais, prevenção de dores cervicais e lombares, e a melhora na interação entre os trabalhadores.

Cooley (2014) fez a avaliação da viabilidade da ginástica laboral no local de trabalho em busca por movimentos não voluntários com o intuito de reduzir o tempo sentado dos trabalhadores do escritório. Foram instalados computadores que estimulavam movimentos não voluntários a cada 45 minutos, o programa oferecia a opção de andar; subir escadas, abrir e fechar impressoras. As sessões duraram 26 semanas e após 13 semanas, os voluntários poderiam parar de fazer às atividades ou diminuirem a intensidade e a duração, se assim achassem melhor.

Os resultados da avaliação de Cooley (2014) mostraram que após as semanas de exercícios obrigatórios os trabalhadores continuaram a fazer os exercícios propostos, e já não eram mais uma obrigação. Praticavam a ginástica laboral de maneira ativa. O estudo mostrou o quão importante é elaborar maneiras diferentes na realização da ginástica laboral. Assim podemos compreender que a ginástica laboral traz muitos benefícios à vida do trabalhador, em todos os ramos da vida, seja ela física, psicológica ou social. Agindo de maneira positiva em seu trabalho e refletindo na sua vida pessoal. Todos esses atributos sendo comprovadas através de muitos estudos.

5 | CONCLUSÃO

Diante dos artigos que foram discutidos constatou-se que a ginástica laboral é uma atividade física indispensável no ambiente de trabalho, pois possibilita a melhorias nos aspectos físicos, psicológicos, social e organizacional. Além de reduzir o absenteísmo, aumento da produtividade e melhoria da autoestima, consequentemente promove qualidade de vida para o trabalhador.

A ginástica laboral promove um equilíbrio entre o trabalhador e o ambiente de trabalho. Tem como estratégia interferir de forma positiva na saúde do trabalhador, por meio de orientações, promovendo qualidade de vida, saúde e bem-estar. É uma atividade física que não ocasiona cansaço, pois tem curta duração. Beneficia ao trabalhador, e consequentemente assim; a produtividade das empresas.

A Ginástica laboral além de prevenir as LER/DORT, ela também trata dos funcionários que já tenham algum tipo de doença, sendo ela adquirida ou não no trabalho, como por

exemplo, o sedentarismo, o mau humor, o desânimo e o estresse.

A ginástica laboral também auxilia na melhora do relacionamento entre os colegas de trabalho, pois muitas das atividades são feitas de forma coletiva. Para alcançar estes objetivos, o profissional compreende bem os aspectos relacionados á motivação, e mudanças de comportamento, sabendo assim, despertar, manter ou aumentar o interesse das pessoas por esse estilo de vida, querem seja no ambiente de trabalho, quer seja no seu tempo livre.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, D. L de F; et al. Busca por uma melhor qualidade de vida no trabalho utilizando a Ginástica Laboral como ferramenta. **XI Simpósio de excelência em gestão e tecnologia**. **SEGeT**, out., 2014.

ALVES, J. H. F. Ginástica Laborativa – Método para Prescrição de Exercícios Terapêuticos no Trabalho. **Revista Fisioterapia Brasil**, v. 1, n. 1, set./out., 2000. p.19 - 22.

AGUIAR, Lauro Ubirajara Barboza de. et al. **Ginástica laboral: prerrogativa do profissional de educação física**. [S.l.: s.n.], 2015.

BRITO, E.C. O; MARTINS, C.O**.** Perceptions of the participants of a stretch break program about flexibility and factors related to a healthy lifestyle.**Rev.RBPS**. 2014;25(4):445-54.

CAÑETE, I **Humanização: desafio da empresa moderna; a** GL como um caminho. POA: Artes e Ofícios, 2016.

CANDOTTI, C.T.; STROSCHEIN, R.; NOLL, M. Efeitos da ginástica laboral na dor nas costas e nos hábitos posturais adotados no ambiente de trabalho. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v.33, n.3, p.699-714, jul./set. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892011000300012&lng=en&nrm=iso>.

CARDOSO, A.N.; MOGARDO, L. Trabalho e saúde do trabalhador no contexto atual: ensinamentos da Enquete Europeia sobre Condições de Trabalho. **Saúde soc. [online]**, São Paulo, v.28, n.1, p.169-181, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-12902019000100012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.

CORRÊA, T. R. M. F.et al. Avaliação da qualidade de vida de praticantes de ginástica laboral. **Medicina**, Ribeirão Preto, v.50,n.1,p.11-17, fev., 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/134996/130840>.

COOLEY, D. Pedersen S. **A pilot study of increasing non purposeful movement breaks at work as a means of reducing prolonged sitting**.J Environ Public Health. 2014:1-8.

LAUX, R.C. et al. Programa de Ginástica Laboral e a Redução de Atestados Médicos. **Cienc Trab.** [online], v.18, n.56, p.130-133, mai./agos., 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/309296198 >.

LIMA, V. **Ginástica laboral:** atividade física no ambiente de trabalho. 3 ed. São Paulo: Phorte, 2013.

MARTINS, Caroline de Oliveira. **Efeitos da Ginástica Laboral a Curto Prazo**. In: Simpósio de Produção e Veiculação do Conhecimento em Educação Física, 3.; 2012, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 2012.

MOREIRA, P.H.C.; CIRELLI, G., SANTOS, P.R.B. A importância da ginástica laboral na diminuição das algias e melhora da qualidade de vida do trabalhador. **Fisioterapia Brasil**, v.6, n.5, p.349-353, out./ nov., 2020. Disponível em: <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/view/2020>.

NEVES, R. DA F. et al. A ginástica laboral no Brasil entre os anos de 2006 e 2016: uma scoping review. **Rev Bras Med Trab**, v.16, n.1, p.82-96, 2018. Disponível em: <http://www.rbmt.org.br/about-the-authors/297/pt-BR>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

PASTRE, E. et al. Work-related musculoskeletal complaints by women in a social rehabilitation center. Revista Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v 23, n.11, p. 2605-12, nov. 2007.

SHIN, W.; PARK, M. Ergonomic interventions for prevention of work-related musculoskeletal disorders in a small manufacturing assembly line. **International Journal of Occupational Safety and Ergonomics**, v.25, p.110-122, set./out., 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/10803548.2017.1373487>.

ZAT, Fabiane Maria. **Ginástica laboral: valorização humana e gestão de resultados** - I. ed. - São Paulo Phorte, 2015.

CINTHIA LOPES DA SILVA: Possui graduação em Bacharelado (1997) e Licenciatura (2002) em Educação Física; Mestrado em Educação Física - área Estudos do Lazer (2003) e Doutorado em Educação Física - área Educação Física e Sociedade (2008). Todos esses graus foram obtidos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). No doutorado realizou estágio no exterior (Doutorado Sanduíche) na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa (2007), teve bolsa CAPES no Mestrado e no Doutorado (incluíndo o período de estágio no exterior). Em 2018, realizou pós-doutorado na área de Comunicação (com fundamentação na neurociência) e aplicação no campo da Educação - processos de ensino e aprendizagem, na Universitat Pompeu Fabra/Barcelona-Espanha. Atualmente faz o curso de Pedagogia pelo Centro Universitário SENAC. Foi professora da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) de 2008-2021. Atuou em cursos de Graduação em Educação Física e nos Programas de Pós-Graduação: Ciências do Movimento Humano e Educação (Mestrado e Doutorado). Foi professora pesquisadora na Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) no Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação de setembro/2022 a fevereiro/2023. De 2021 a 2022 atuou como professora de contrato temporário na Educação Básica - Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. É professora efetiva da Universidade Federal do Paraná (UFPR) desde março de 2023, atuante em cursos de Educação Física - Bacharelado e Licenciatura e com disciplinas na área de conhecimento Lazer. Também é atuante no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPR desde maio de 2023, sendo membro da linha de pesquisa Liguagem, Corpo e Estética na Educação (LiCorEs). Suas pesquisas recentes estão relacionadas aos temas lazer, tecnologia, educação e educação física escolar, tendo como base um referencial sociocultural. É membro da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em estudos do lazer (ANPEL) e da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Também faz parte do corpo de diretores do Conselho Internacional de Exercício e Ciências do Esporte dos países Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICSCESS) e da rede internacional de acadêmicos e universitários - Eurosci Network.

ÍNDICE REMISSIVO

A

C

D

E

G

I

L

Educação e Educação Física:

novos olhares

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ano 2023

Educação e Educação Física:

novos olhares

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ano 2023